



Estratégia
Militares

Gramática e Interpretação de texto ITA

Conceitos Básicos da Gramática + Semântica

Prof. Wagner Santos

AULA 00

07 de junho de 2021

Sumário

1 APRESENTAÇÃO	3
Apresentação do material	3
Apresentação do professor	3
Metodologia	4
Cronograma de Aulas	5
2 TERMOS BÁSICOS DE PORTUGUÊS	6
2 SEMÂNTICA	8
2.1 Semântica nos exames	9
2.2 Sinônimos e Antônimos	11
2.3 Homônimos e Parônimos	12
2.4 Hiperônimos e Hipônimos	19
3 EXERCÍCIOS	21
4 GABARITO	44
5 QUESTÕES COMENTADAS	44
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	76



1 Apresentação

Apresentação do material

Sejam muito bem-vindos, meninos e meninas (que eu chamarei, carinhosamente, de Bolas de Fogo em muitos momentos). Esse é o material inicial de nosso curso de Gramática e Interpretação de texto, feito e pensado em você e na melhor forma de apresentar as ideias que são necessárias para um bom desempenho no vestibular. Eu disse bom? Queria dizer excelente, “maravilhando”, com sua aprovação.

Durante esta aula, falaremos bastante sobre alguns conceitos que são essenciais para que possamos construir nosso conhecimento com relação à língua e à sua análise. Pode ser que, em alguns momentos, você não perceba cada um dos conceitos aqui trabalhados sendo cobrados exatamente no seu vestibular. Contudo, pode confiar que esse conhecimento é essencial para todas as nossas futuras aulas, sejam elas em análises mais específicas, como a morfologia e a fonética; sejam elas mais amplas, como a análise sintática ou a interpretação de textos.

Eu sempre costumo dizer que nossa ideia essencial é tornamo-nos íntimos da linguagem e da língua que falamos e, mais do que isso, que queremos analisar. Ainda assim, já quero deixar aqui destacado que você é um conhecedor profundo do português, não se deixe levar pela ideia de que não sabe português e que precisa aprendê-lo. Na realidade, a gente vai esmiuçar a análise do português pra você, mas te garanto que você já é um conhecedor muito bom dela.

Apresentação do professor

Então, agora é a hora de falar sobre mim. Quem é esse professor, que já disse que me chamará de Bola de fogo um monte de vezes?

Eu sou o professor Wagner Santos, oriundo de Brasília, e um homem simplesmente apaixonado pelo estudo da língua portuguesa e das linguagens. Durante minha trajetória na Universidade, que ainda continua, como te contarei jazinho, eu me propus a conhecer tudo o que eu pudesse com relação à linguagem, incluindo a Literatura e a Produção de Texto. Acabei me dedicando mais um pouco ao estudo formal da linguagem, fazendo um mestrado em sintaxe formal (uma parada muito louca que analisa a linguagem a partir de suas estruturas e de seus aspectos genéticos (sim, doido mesmo). Nessa caminhada, permaneci na Universidade para o doutorado, na mesma área de análise e com o mesmo tema: as orações subordinadas adjetivas. Outra doideira que terei o prazer de comentar em muitos momentos com vocês.



Podem contar comigo para qualquer dúvida que você tenha, farei de tudo para ajudar na resolução dessas dúvidas. Inclusive, teremos muitos momentos em que falaremos sobre a



linguagem e a produção de texto, principalmente porque não consigo ver as coisas de forma separada. Caminharemos juntos com o professor Fernando, pode deixar! Por fim, fica o convite para que me sigam nas redes sociais.



Professor Wagner
Santos



@wagnerliteratura
@profwagnersantos

Metodologia

Para que você possa entender o que te espera, Bola de fogo, nosso curso funciona da seguinte maneira:

Estudo dos mais importantes tópicos da TEORIA de gramática

Resolução e comentários de QUESTÕES de vestibulares dos últimos 10 anos ou inéditas

VIDEOAULAS para entender melhor o conteúdo

Realização de SIMULADOS

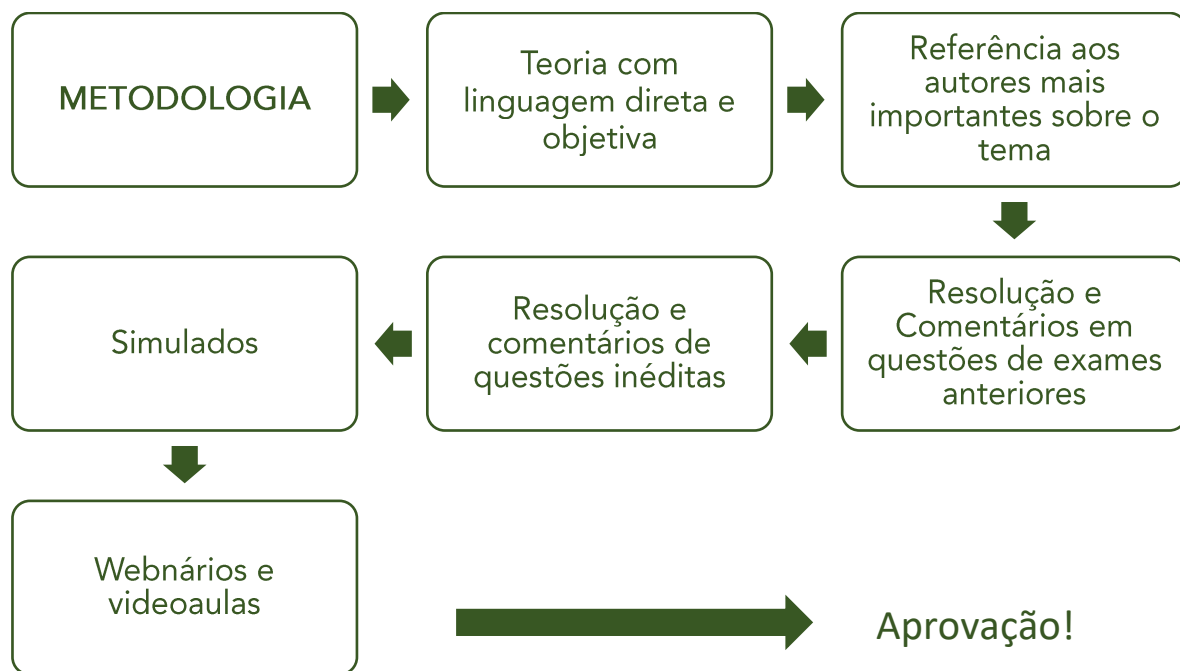
FÓRUM DE DÚVIDAS para conversar com o professor

Claro que você encontrará a forma mais interessante de usar o nosso curso. Há muitos alunos que preferem assistir às aulas após a leitura atenta de nosso livro digital. Por outro lado, há alunos que preferem acompanhar a videoaula enquanto lê o material. A ordem dos tratores, aqui, não afetará nosso viaduto de aprovação. Você pode se jogar da forma como achar melhor, mas sem deixar de lado nosso tripé colocado aí em cima. Fechado? Então, bora que só bora.

Com relação à prática daquilo que estamos estudando, pode deixar que nosso material tem sempre **MUITAS QUESTÕES** e você pode fazê-las da forma como achar melhor. Inclusive, pensamos que você não precisa fazer todas de uma vez, podendo deixar algumas para a revisão. Só não se esqueça de fechar o material até o dia de seu vestibular. Combinado, hein? Foco e organização serão essenciais como eu tenho certeza de que você sabe.



Para te ajudar um pouco com relação a essa forma de estudo, dê uma olhada no organograma a seguir:



Cronograma de Aulas

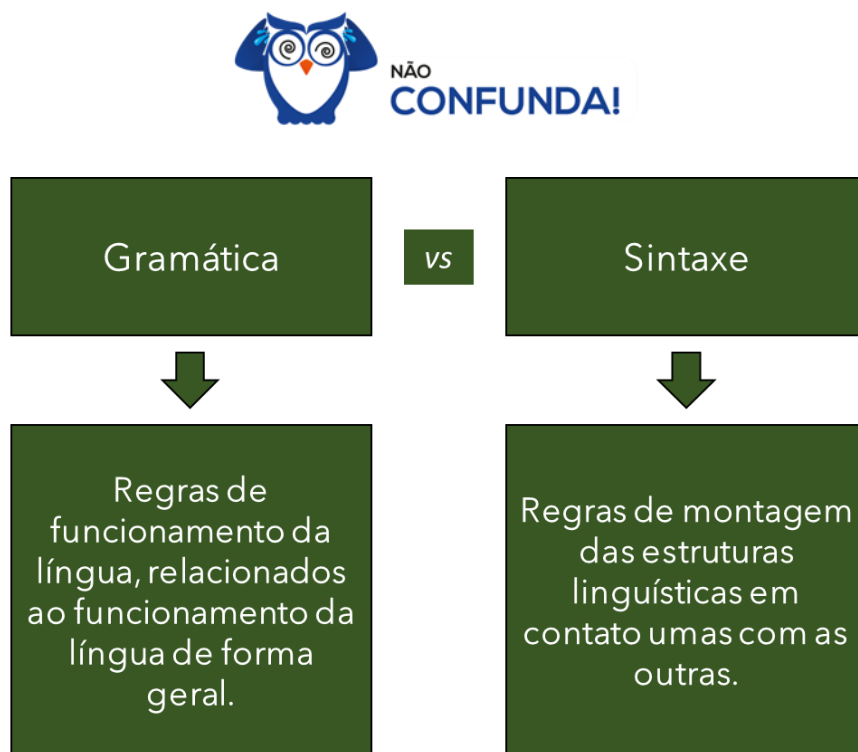
O nosso cronograma de aulas está disponível em seu curso, com as datas de publicação e a organização que seguiremos em nosso curso. É só acessar para saber quais são as nossas próximas aulas e como elas se organizam, inclusive com os subtópicos.

A organização das aulas, com relação ao conteúdo, foi feita da forma que achamos mais lógica e interessante para a sua preparação. Isso não quer dizer que somos os detentores da verdade e que somente essa ordem de estudos é interessante. Pense que há uma lógica de construção de nossos saberes. Por exemplo, diferente do que alguns professores fazem, colocando a interpretação durante o curso, em meio às aulas de outros conteúdos, eu gosto de pensar que vocês rendem melhor após a ampliação de conhecimento do que foi apresentado antes. É o certo? Não posso dizer que não há outras formas. Digamos que é o “meu” certo. Mas bora que só bora que você vai entender tudinho!



2 Termos básicos de português

Nesse caso, entendemos “termos” nesse momento como as partes da gramática que serão estudadas durante a nossa caminhada. Antes de tudo, eu gostaria de dizer que, quando eu falo em gramática, refiro-me diretamente ao estudo da língua separado nessa relação que apresentarei em seguida. Não vá pensar que estamos falando sempre sobre a parte que vocês tanto adoram, a análise sintática. Inclusive, sempre fique atento à seguinte informação:



O que eu quero dizer com isso, bolas de fogo? Que a sintaxe são as regras de concordância, regência e outras formas de análise da língua, relacionando-se à classificação dos termos. Mas calma que tudo isso vai ficar muito clara na sua vida, pode deixar! Não vou colocar o “carro na frente dos bois” (que eu nunca entendi mesmo). Vamos para as partes de análise da linguagem.

Fonética e fonologia

Estudo do som das palavras.

Modo como o som é produzido pelo aparelho fonador.

Modo como o som é pronunciado (acento, entonação, sotaque etc.).

Não é tão cobrado nos vestibulares normalmente, pois é ligado às expressões da fala, não da escrita.



Estilística

Estudo dos processos de estilo.
Modo como se utiliza a linguagem para atingir determinado objetivo.
Figuras de linguagem.
Gêneros literários.
Versificação.

Morfologia

Estudo do modo como a palavra é formada e escrita.
Estrutura das palavras.
Formação das palavras.
Classificação e flexão das palavras.

Ortografia

Conjunto de regras acerca da escrita das palavras segundo a norma culta.
Tonicidade e acentuação.
Alfabeto e emprego das letras.
Empregos fixados pela norma ortográfica (til, trema, hífen e apóstrofo).
Muito ligada à fonética, já que também se baseia no som muitas vezes.

Semântica

Estudo do significado das palavras.
Sentido próprio e sentido figurado.
Sinônimos e Antônimos
Campo semântico e campo lexical
Muito ligada ao seu próprio vocabulário!

Sintaxe

Estudo da relação entre os termos que compõe a frase.
Concordância.
Regência.
Colocação pronominal.
Período composto (coordenação e subordinação).
Pontuação.



Na sintaxe, temos a relação clara com aquilo que chamamos de “norma culta”, aquele pequeno “bicho-papão” que sempre persegue vocês. A ideia, então é que, ao analisarmos a sintaxe de um texto ou de uma frase, teremos uma relação direta entre esses elementos dentro do texto. Para entendermos o que é a norma, vejamos o que Bechara (2009, p. 28), gramático extremamente renomado e representante da linguística na Academia Brasileira de Letras:

Norma

- A norma contém tudo o que na língua não é funcional, mas que é tradicional, comum e constante, ou, em outras palavras, tudo o que se diz “assim, e não de outra maneira”.

Outra possibilidade muito comum nessas nossas aulas, em especial comigo como professor, é a visão da morfossintaxe da língua, em que levamos em consideração aspectos mais gerais, em que se somam as características das classes de palavras e as funções. Por exemplo, estudamos a ideia de o sujeito é uma função substantiva e, por isso, somente um elemento com essa característica, ainda que textual (dentro do contexto), pode desempenhar a função. Esse é só um exemplinho de como funciona a morfossintaxe.

Relaxa que tenho certeza de que você vai gostar e quebrar todo o trauma com relação ao português e à gramática. A gente tá junto nessa missão de te colocar na universidade de forma menos dolorosa.

2 Semântica

A semântica, como comentamos acima, é, sem dúvida, uma das mais importantes partes do vestibular e vai muito além das questões de substituição de palavras ou reescrita de elementos. Por isso, ainda que no seu vestibular não existam questões de troca de palavras, fato pouco comum, na realidade, a semântica aparece de outras formas, seja por meio da interpretação de texto, seja por meio da modificação de significados em questões de sintaxe.

Você pode estar se perguntando o porquê dessa importância tão grande dada à semântica pelas bancas. Explico: a linguagem é “montada”, por assim dizer, com um princípio interacional (ainda que nem sempre seja usada para a interação social, a linguagem, em nossa vida e nos vestibulares, é entendida a partir dessa ideia), por isso, quando analisamos os enunciados montados para a comunicação, percebemos que temos uma relação de significações que são geradas a partir das construções sintáticas. Dessa forma, dependendo da seleção vocabular e das posições dos termos, temos modificações nos significados. Veja os exemplos a seguir.

- I. O caçador matou o leão.
- II. O leão matou o caçador

Nos dois exemplos acima, percebemos que há modificação de significados somente com a modificação dos elementos nos enunciados. Não há dificuldade de entendimento das duas frases, dado que fica claro, em (I) que o caçador é quem mata o leão; e, em (II), também



fica claro que o leão é quem mata o caçador. Claro que essas modificações acabam gerando reflexos na sintaxe, com modificação de classificação sintática.

- I. Os alunos acharam o caminho fácil.
- II. O pai do aluno que viajou visitou a escola.

Nos dois exemplos desse box, vemos a relação interessante com a posição e com a estrutura dos enunciados. Percebemos, por exemplo, que os dois enunciados são considerados ambíguos, dado que temos (ao menos) duas significações para cada um deles. Na realidade, isso é um elemento da sintaxe em contato direto com a semântica, a chamada ambiguidade, entendida como um defeito do texto quando ocorre de forma acidental. Contudo, destaco que isso é semântica também. Mas não se preocupe, teremos um momento para podermos falar sobre isso de forma bastante aprofundada. Bora que só bora para o que nos interessa.

Trouxemos esses exemplos somente para que vocês, bolas de fogo, entendam que temos uma modificação de significados mais ampla. Nessa aula, nos focaremos nas modificações mais diretas de uma palavra para a outra, mas precisávamos deixar a entender que temos realmente modificações semânticas em muitas relações linguísticas. As construções são sempre uma somatória de muitos elementos, tais como a morfologia, a semântica e a sintaxe. Isso sem contar a pragmática, que será trabalhada em uma aula diferenciada, dado que se refere às intenções dos autores. Espere que lá na interpretação chegamos nela.

2.1 Semântica nos exames

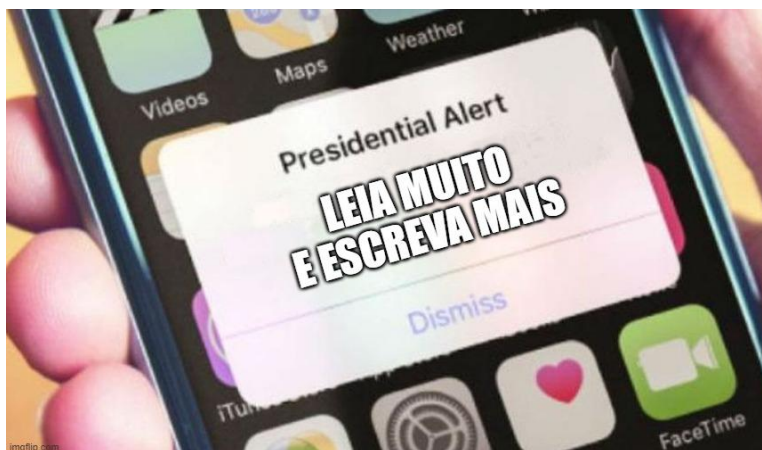
Como comentamos, muitas questões de semântica aparecem nos vestibulares de vocês por meio, essencialmente, de questões de dois tipos:

- Substituição por sinônimos (palavras equivalentes); e
- Significação das palavras.

Com relação à substituição por sinônimos, **eu não posso ajudar você**. Por um simples motivo: é uma questão de **vocabulário**. Eu não posso ensinar você a conhecer um maior número de palavras ou significados. Isso é algo que depende do seu esforço diário! Mas eu posso indicar alguns caminhos para aumentar seu vocabulário e gabaritar questões assim!

Você deve estar se perguntando sobre como pode aumentar seu vocabulário, né? Essa pergunta sempre aparece no fórum e nas aulas e, para isso, tenho algumas dicas que são bem diretas e claras para você. Podem parecer clichês, mas, nesse caso, são clichês muito verdadeiros. Muito mesmo. Vamos dar uma olhada nessas dicas para aumentar o vocabulário?





Ler é a principal forma de encontrarmos vocabulário, principalmente quando nos relacionamos com os **clássicos da literatura**. Pense que o contato com o texto com um vocabulário mais amplo é sempre interessante. Não deixe de lado essa ideia. Pense realmente que temos uma relação de intimidade com as palavras. Depois de ler, uma dica que serve inclusive para a redação é escrever muito. Dando um pequeno pitaco na matéria de Fernando, é interessante que notemos que a escrita amplia o vocabulário porque o coloca em uso. Isso é essencial.



Outra dica mais que importante e profícua é o uso do dicionário. Acredito de verdade que, quanto mais usamos essa ferramenta, melhor será o aproveitamento do vocabulário. Muitos de nós não têm a prática de uso de um dicionário. Mas sejamos muito sinceros: com a tecnologia em voga na atualidade, é muito fácil pesquisar palavras quanto ao significado. Há, inclusive, dicionários renomados que apresentam versão digital que pode ser consultada com frequência. Use as ferramentas que você tem para melhorar o vocabulário.



Por fim, é interessante que você troque as palavras do texto que escreve. Tente fazer esse exercício em sua vida: escreva uma redação e busque trocar algumas palavras-chave, buscando, mais uma vez, no dicionário possibilidades. De novo, podemos entender que a tecnologia nos auxilia nesse caso, dado que temos muitos dicionários em que encontramos vários sinônimos para as palavras. Se joguem, bolas de fogo!

Com relação à significação das palavras, temos alguns conceitos bastante importantes para que você tenha um desempenho top no seu vestibular. Vamos a eles:

2.2 Sinônimos e Antônimos

Um **sinônimo** é uma palavra que possui significado idêntico ou muito semelhante ao de outra palavra. Ele pode ser **real** ou **contextual**.

Sinônimo real: mesmos significados em palavras diferentes.

Ex.: feliz = contente = alegre.

Sinônimo contextual: os significados das palavras se **equivalem** dependendo do contexto em que estão inseridos, ou seja, de acordo com o uso que o autor fez da palavra naquele texto. Ex.:

Encarando a **fera**

A **demissão** é um dos momentos mais difíceis na carreira de um profissional. A **perda de emprego** costuma gerar uma série de conflitos internos. Mesmo sendo uma **possibilidade concreta** na vida de qualquer indivíduo, somos sempre pegos de surpresa pela **notícia**. Apesar de ser uma **situação delicada**, é preciso transformar esse **fantasma** em algo menos assustador e aprender a dar a volta por cima.



Já um **antônimo** é uma palavra que possui sentido oposto ao de outra palavra. Assim como o sinônimo, o antônimo pode ser **real** ou **contextual**.

Antônimo real: sentidos opostos em palavras diferentes.

Ex.: alto/baixo, claro/escuro etc.

ATENÇÃO: quando vimos figuras de linguagem, esse assunto será bastante importante! Principalmente quando vimos as ideias de **antítese e paradoxo**. Na aula 02 vamos nos debruçar mais longamente sobre o assunto.

Antônimo contextual: os significados das palavras se **opõem**, dependendo do contexto em que estão inseridos, ou seja, de acordo com o uso que o autor fez da palavra naquele texto.

"Onde queres prazer, sou o que dói
Onde queres tortura, mansidão
Onde queres um lar, revolução"
(VELOSO, Caetano. **O queres**).

2.3 Homônimos e Parônimos

Os **homônimos** são palavras com **significados diferentes** que possuem **som ou grafia ou, ainda, som/grafia idênticos quando** pronunciadas. Elas podem ser de três tipos:

Homônimos homógrafos (homo = igual; grafo = escrita): som diferente, significado diferente, escrita igual. Ex.:

sede/sede (lê-se "sêde" e "séde") colher/colher. (lê-se "colhêr" e colhêr")

Homônimos homófonos (homo = igual; fono = som): som igual, significados diferentes, escrita diferente. Ex.:

sessão/seção/cessão; concerto/conserto; chá/xá; cassado/caçado; passo/paço; incipiente/insipiente.



Homônimos perfeitos: homógrafos e homófonos. Escrita e acústica iguais, mas significados diferentes. Ex.:

O caso do avião da LATAM chocou o Brasil.
Eu me caso com você.
Caso você não venha, ligue-me por favor.

Já os **parônimos** são palavras **semelhantes** quanto à grafia ou à pronúncia.

Ex.: **descrição** ("ato de descrever") e **discrição** ("qualidade do que é discreto");

Segue uma lista de palavras **paronímias mais importantes que podem cair no vestibular. Use essa lista para consultas futuras caso seja necessário.** Vale sempre ressaltar que essa lista que apresentamos a seguir, Bolas de Fogo, não é uma lista **exaustiva**, mas que apresenta elementos importantes para a compreensão do conteúdo e, conseqüentemente, para a resolução de exercícios e questões na hora do seu exame.

Inclusive, vale uma última ressalva extremamente importante para o seguimento de nossa aula: os parônimos são próximos demais dos homófonos e, por isso, temos a clareza de que vocês não encontrarão, em uma questão, a necessidade de escolher um deles. Não se preocupe com isso. Então, como eu sempre digo, Bora que só bora, meus jovens!

Acerca de: sobre, a respeito de. Ex.: no discurso, o presidente falou acerca de seus planos.

A cerca de: a uma distância aproximada de. Ex.: o anexo fica a cerca de trinta metros do prédio principal; estamos a cerca de um mês das eleições.

Há cerca de: faz aproximadamente (tanto tempo). Ex.: eu namoro há cerca de dois anos.

Acidente: acontecimento casual; desastre. Ex.: a derrota foi um acidente na sua vida profissional; o súbito temporal provocou terrível acidente no parque.

Incidente: episódio; que incide, que ocorre. Ex.: o incidente da demissão já foi superado.

Afim: que apresenta afinidade, semelhança, relação (de parentesco). Ex.: se o assunto era afim, por que não foi tratado no mesmo parágrafo?

A fim de: para, com a finalidade de. Ex.: o projeto foi encaminhado com quinze dias de antecedência, a fim de permitir a necessária reflexão sobre sua pertinência.

Antes de continuarmos, acredito que seja interessante de ressaltar que você claramente não irá decorar essas palavras todas, mas conhecê-las é muito interessante para o treinamento necessário para sua prova. Então, bora!



Alto: de grande extensão vertical; elevado, grande. Ex.: a minha mãe não é alta.

Auto: ato público, registro escrito de um ato, peça processual. Ex.: o auto foi registrado.

Aleatório: casual, fortuito, acidental. Ex.: nada é aleatório em nossas vidas.

Alheatório: que alheia, alienante, que desvia ou perturba. Ex.: o delinquente foi alheatório.

Amoral: desprovido de moral, sem senso de moral. Ex.: eu tenho um tio que é amoral.

Imoral: contrário à moral, aos bons costumes, devasso, indecente. Ex.: a manifestação foi imoral.

Ante (preposição): diante de, perante. Ex.: ante tal situação, não teve alternativa.

Ante- (prefixo): expressa anterioridade. Ex.: antepor, antever, anteprojeto, antediluviano.

Anti- (prefixo): expressa contrariedade. Ex.: anticientífico, antibiótico, anti-higiênico, anti-Marx.

Ao encontro de: para junto de; favorável a. Ex.: foi ao encontro dos colegas; o projeto salarial veio ao encontro dos anseios dos trabalhadores.

De encontro a: contra; em prejuízo de. Ex.: o carro foi de encontro a um muro; o governo não apoiou a medida, pois vinha de encontro aos interesses dos menores.

Ao invés de: ao contrário de. Ex.: ao invés de demitir dez funcionários, a empresa contratou mais vinte.
(**Inaceitável o cruzamento *ao em vez de**).

Em vez de: em lugar de. Ex.: em vez de demitir dez funcionários, a empresa demitiu vinte.

Atuar: agir, pôr em ação; pressionar. Ex.: o parlamentar não atua há mais de vinte anos.

Autuar: lavrar um auto; processar. Ex.: o advogado conseguiu levar o réu a autuar.

Auferir: obter, receber. Ex.: auferir lucros, vantagens.

Aferir: avaliar, cotejar, medir, conferir. Ex.: aferir valores, resultados.

Caçar: perseguir, procurar, apanhar. Ex.: na Idade Média, a caça era um costume.

Cassar: tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar. Ex.: o mandato do presidente foi cassado.

Casual: fortuito, aleatório, ocasional. Ex.: esse aumento de salário foi casual para mim.

Causal: causativo, relativo à causa. Ex.: a força vetorial é causal.



Cavaleiro: que anda a cavalo, cavalariano. Ex.: eu adoro romance de cavalaria.

Cavalheiro: indivíduo distinto, gentil, nobre. Ex.: seja mais cavalheiro nas suas maneiras.

Censo: alistamento, recenseamento, contagem. Ex.: quando atingir a maioridade, haverá censo.

Senso: entendimento, juízo, tino. Ex.: é difícil fugir ao senso comum.

Cessão: ato de ceder. Ex.: a cessão do local pelo município tornou possível a realização da obra.

Seção: setor, subdivisão de um todo, repartição, divisão. Ex.: em qual seção do ministério ele trabalha?

Sessão: espaço de tempo que dura uma reunião, um congresso; reunião; espaço de tempo durante o qual se realiza uma tarefa. Ex.: a minha sessão de terapia dura uma hora.

Cível: relativo à jurisdição dos tribunais civis. Ex.: o juiz não admitiu o apelo cível.

Civil: relativo ao cidadão; cortês, polido (daí civilidade); não militar, nem eclesiástico. Ex.: faz parte do senso civil saber portar-se bem.

Comprimento: medida, tamanho, extensão, altura. Ex.: o comprimento do cabelo de minha colega era grande.

Cumprimento: ato de cumprir, execução completa; saudação. Ex.: houve muitos cumprimentos na cerimônia.

Concerto: acerto, combinação, composição, harmonização (verbo: concertar). Ex.: o concerto de música clássica foi muito bom.

Conserto: reparo, remendo, restauração (verbo: consertar). Ex.: certos problemas crônicos aparentemente não têm conserto.

Degradar: deteriorar, desgastar, diminuir, rebaixar. Ex.: ela se sentiu degradada.

Degredar: impor pena de degredo, desterrar, banir. Ex.: o aluno foi degredado da sala.

Delatar (delação): denunciar, revelar crime ou delito, acusar. Ex.: delação premiada.

Deletar (apagar): apagar elemento em contexto tecnológico. Ex.: Preciso deletar o arquivo errado antes de usá-lo.

Dilatar (dilação): alargar, estender; adiar, diferir. Ex.: o metal se dilata com o calor.



Descrição: ato de descrever, representação, definição. Ex.: o autor descreveu bem a cena.

Discrição: discernimento, reserva, prudência, recato. Ex.: eu gosto de ser discreta.

Descriminar: absolver de crime, tirar a culpa de. Ex.: o juiz descriminou o réu.

Discriminar: diferenciar, separar, discernir. Ex.: hoje em dia, não se discriminam mais as raças.

Despercebido: que não se notou, para o que não se atentou. Ex.: apesar de sua importância, o projeto passou despercebido.

Desapercebido: desprevenido, desacomodado. Ex.: embarcou para a missão na Amazônia totalmente desapercebido dos desafios que lhe aguardavam.

Emenda: correção de falta ou defeito, regeneração, remendo. Ex.: ao torná-lo mais claro e objetivo, a emenda melhorou o projeto.

Ementa: apontamento, súmula de decisão judicial ou do objeto de uma lei. Ex.: procuro uma lei cuja ementa é "dispõe sobre a propriedade industrial".

Emergir: vir à tona, manifestar-se. Ex.: essa fofoca emergiu ontem.

Imergir: mergulhar, afundar submergir, entrar. Ex.: o sólido imerge em líquidos.

Emigrar: deixar o país para residir em outro. Ex.: eu emigrei para a Europa.

Imigrar: entrar em país estrangeiro para nele viver. Ex.: os refugiados são hoje imigrantes.

Eminente (eminência): alto, elevado, sublime. Ex.: Vossa Eminência não gosta de ser contrariado.

Iminente (iminência): que está prestes a acontecer, próximo. Ex.: a prova está iminente.

Empoçar: reter em poço ou poça, formar poça. Ex.: na minha casa, empoçou-se muito.

Empossar: dar posse a tomar posse, apoderar-se. Ex.: vocês irão empossar vagas de Medicina.

Espectador: aquele que assiste qualquer ato ou espetáculo, testemunha. Ex.: o espectador da cena do crime não quis prestar depoimento.

Expectador: que tem expectativa, que espera. Ex.: a ansiedade nos torna expectadores.



Estância: lugar onde se está, morada, recinto. Ex.: eu conheço uma boa estância no sul.

Instância: solicitação, pedido, rogo; foro, jurisdição, juízo. Ex.: em última instância, é melhor não agir assim.

Flagrante: ardente, acalorado, diz-se do ato em que a pessoa é surpreendida a praticar. Ex.: flagrante delito.

Fragrante: que tem fragrância ou perfume; cheiroso. Ex.: meu namorado é muito fragrante.

Florescente: que floresce, próspero, viçoso. Ex.: o jardim lá de casa não anda muito florescente.

Fluorescente: que tem a propriedade da fluorescência. Ex.: eu comprei uma calça de academia de cor fluorescente.

Incipiente: iniciante, principiante. Ex.: alguns de vocês são incipientes nos vestibulares.

Insipiente: ignorante, insensato. Ex.: mas não sejam insipientes!

Inflação: ato ou efeito de inflar; emissão exagerada de moeda, aumento persistente de preços. Ex.: a inflação no Brasil está muito alta.

Infração: ato ou efeito de infringir ou violar uma norma. Ex.: não houve infração nem delito.

Mandado: garantia constitucional para proteger direito individual líquido e certo; ato de mandar; ordem escrita expedida por autoridade judicial ou administrativa. Ex.: um mandado de segurança, mandado de prisão.

Mandato: autorização que alguém confere a outrem praticar atos em seu nome; procuração; delegação. Ex.: o mandato de um deputado, do senador, do presidente.

Paço: palácio real ou imperial; a corte. Ex.: o paço municipal foi reformado.

Passo: ato de avançar ou recuar um pé para andar; caminho, etapa. Ex.: passo dado.

Pleito: questão em juízo, demanda, litígio, discussão. Ex.: o pleito por mais escolas na região foi muito bem formulado.

Preito: sujeição, respeito, homenagem. Ex.: os alunos renderam preito ao antigo reitor.

Por quê: final da frase. Ex.: ainda não terminou por quê?

Por que: equivale a “pelo qual” ou “para que”. Ex.: o túnel por que atravessamos é longo.

Porque: indica finalidade e equivale a “pois”, “já que”. Ex.: o caso se agravou porque fugiram.

Porquê: representa um substantivo. Ex.: não sei o porquê de isso ter acontecido.



Prescrever: fixar limites, ordenar de modo explícito, determinar; ficar sem efeito, anular-se. Ex.: o prazo para entrada do processo prescreveu há dois meses.

Proscrever: abolir, extinguir, proibir, terminar; desterrar. Ex.: o uso de várias substâncias psicotrópicas foi proscrito por recente portaria do ministro.

Prever: ver antecipadamente, profetizar; calcular. Ex.: ele previu o desfecho do caso.

Prover: providenciar, dotar, abastecer, nomear para cargo. Ex.: o chefe do departamento de pessoal proveu os cargos vacantes.

Provir: originar-se, proceder; resultar. Ex.: a dúvida provém (os erros provêm) da falta de leitura.

Ratificar: validar, confirmar, comprovar. Ex.: o tratado de Kyoto foi ratificado.

Retificar: corrigir, emendar, alterar. Ex.: a diretoria ratificou a decisão após o texto ter sido retificado em suas passagens ambíguas.

Reincidir: tornar a incidir, recair, repetir. Ex.: não reincida no mesmo erro.

Rescindir: dissolver, invalidar, romper, desfazer. Ex.: como ele reincidiu no erro, o contrato de trabalho foi rescindido; eu quero rescindir o meu contrato de aluguel.

Sanção: confirmação, aprovação; pena imposta pela lei ou por contrato para punir uma infração. Ex.: o delegado impôs a sanção.

Sansão: nome de personagem bíblico; certo tipo de guindaste. Ex.: Sansão e Dalila.

Subentender: perceber o que não estava claramente exposto; supor. Ex.: subentender o texto.

Subintender: exercer função de subintendente, dirigir. Ex.: ser o subintendente na empresa.

Subtender: estender por baixo. Ex.: o trilho subtende-se o trem.

Tacha: pequeno prego; mancha, defeito, pecha. Ex.: não quero ser tachada de gorda.

Taxa: espécie de tributo, tarifa. Ex.: a taxa era muito cara.

Voltei para dizer que só temos mais um box com palavras interessantes para vocês conhecerem. Logo depois, vamos partir para a prática. Os exercícios são sensacionais para esse treinamento, ainda mais com textos mais longos como os que você encontrará por aqui. Não se esqueça de, nesse momento, ler tudo o que puder!



Tráfego: trânsito de veículos, percurso, transporte. Ex.: há muito tráfego em São Paulo.

Tráfico: negócio ilícito, comércio, negociação. Ex.: o tráfico de drogas no Brasil aumentou.

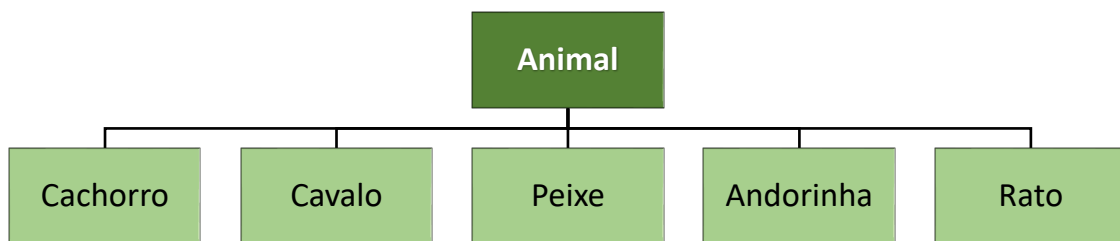
Trás: atrás, detrás, em seguida, após (locuções: de trás, por trás). Ex.: por trás da porta.

Traz: 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo trazer. Ex.: ela traz o presente.

Pra dar uma ajudinha, vamos de resuminho? Então vamos.

2.4 Hiperônimos e Hipônimos

Termos **hiperônimos** são aqueles que abrangem em si significados mais abrangentes em relação a outros.



Animal, portanto, é um hiperônimo, pois pode significar uma série de outras palavras, relacionando-se a elas por terem uma essência semelhante – nesse caso, um conjunto de seres vivos.

Os **hipônimos**, por consequência, são termos que têm significado mais específico em relação a outros. Utilizando-se o exemplo acima, **cachorro, cavalo, peixe, andorinha, rato** são hipônimos em relação a **animal**.

Observe que essa é uma conceituação essencial para a construção textual. Sempre temos uma relação muito profunda entre a escolha de palavras e os campos semânticos envolvidos nesse caso. É uma relação muito, muito constante, vai por mim. Lembra, inclusive, que falei que nem sempre o conteúdo será cobrado “abertamente”? Então, esse é um dos exemplos de conteúdo que auxiliam muito na sua preparação para a prova, colocando em jogo a compreensão de texto que temos. Ajuda demais, vai por mim.

Vejamos, para finalizar a aula de hoje e deixar vocês animados com as questões a seguir, alguns outros exemplos:



HIPERÔNIMO	HIPÔNIMO
Ave	Codorna, galinha, peru, pato, faisão etc.
Acontecimento	Festa, casamento, passeata, reunião etc.
Inseto	Mosca, pernilongo, barata, formiga, besouro etc.
Sufrimento	Dor, tristeza, angústia etc.

Em alguns exames vestibulares, muitas vezes você irá encontrar as expressões **Campo lexical** ou **Campo semântico**. São conceitos muito próximos às ideias de Hipônimo e Hiperônimo. Saiba o que esses termos significam.

Campo lexical

Grupo de palavras que se referem a um **mesmo referencial no processo de formação da palavra**.

Campo lexical de “pedra”
Pedreira, pedrinha, pedreiro, pedregulho etc.

Campo semântico

Conjunto de palavras que pertencem a um domínio de palavra ou, ainda, com sentidos que um **mesmo signo** pode apresentar dependendo do contexto.

Campo lexical de “informática”
Teclado, mouse, internet, memória RAM, rede mundial de computadores etc.



3 Exercícios

Antes de começar os exercícios, alguns avisos:

- Você encontra aqui exercícios que envolvam questões de semântica e usos da norma culta no geral.
- Pode ser que você já tenha visto alguns exercícios aqui presentes em nosso material anteriormente. Isso é normal. **Muitos exercícios podem ser resolvidos de diferentes maneiras.** Aproveite para fazer os que você porventura não tenha feito no passado. Vamos lá?

1. (ITA/2018)

Achei que estava bem na foto. Magro, olhar vivo, rindo com os amigos na praia. Quase não havia cabelos brancos entre os poucos que sobreviviam. Comparada ao homem de hoje, era a fotografia de um jovem. Tinha 50 anos naquela época, entretanto, idade em que me considerava bem distante da juventude. Se me for dado o privilégio de chegar aos 90 em pleno domínio da razão, é possível que uma imagem de agora me cause impressão semelhante.

O envelhecimento é sombra que nos acompanha desde a concepção: o feto de seis meses é muito mais velho do que o embrião de cinco dias. Lidar com a inexorabilidade desse processo exige uma habilidade na qual nós somos inigualáveis: a adaptação. Não há animal capaz de criar soluções diante da adversidade como nós, de sobreviver em nichos ecológicos que vão do calor tropical às geleiras do Ártico.

Da mesma forma que ensaiamos os primeiros passos por imitação, temos que aprender a ser adolescentes, adultos e a ficar cada vez mais velhos. A adolescência é um fenômeno moderno. Nossos ancestrais passavam da infância à vida adulta sem estágios intermediários. Nas comunidades agrárias o menino de sete anos trabalhava na roça e as meninas cuidavam dos afazeres domésticos antes de chegar a essa idade.

A figura do adolescente que mora com os pais até os 30 anos, sem abrir mão do direito de reclamar da comida à mesa e da camisa mal passada, surgiu nas sociedades industrializadas depois da Segunda Guerra Mundial. Bem mais cedo, nossos avós tinham filhos para criar.

A exaltação da juventude como o período áureo da existência humana é um mito das sociedades ocidentais. Confinar aos jovens a publicidade dos bens de consumo, exaltar a estética, os costumes e os padrões de comportamento característicos dessa faixa etária têm o efeito perverso de insinuar que o declínio começa assim que essa fase se aproxima do fim.

A ideia de envelhecer aflige mulheres e homens modernos, muito mais do que afligia nossos antepassados. Sócrates tomou cicuta aos 70 anos, Cícero foi assassinado aos 63, Matusalém sabe-se lá quantos anos teve, mas seus contemporâneos gregos, romanos ou judeus viviam em média 30 anos. No início do século 20, a expectativa de vida ITA (2.o dia) – dezembro/2017 ao nascer nos países da Europa mais desenvolvida. não passava dos 40 anos.



A mortalidade infantil era altíssima; epidemias de peste negra, varíola, malária, febre amarela, gripe e tuberculose dizimavam populações inteiras. Nossos ancestrais viveram num mundo devastado por guerras, enfermidades infecciosas, escravidão, dores sem analgesia e a onipresença da mais temível das criaturas. Que sentido haveria em pensar na velhice quando a probabilidade de morrer jovem era tão alta? Seria como hoje preocupar-nos com a vida aos cem anos de idade, que pouquíssimos conhecerão.

Os que estão vivos agora têm boa chance de passar dos 80. Se assim for, é preciso sabedoria para aceitar que nossos atributos se modificam com o passar dos anos. Que nenhuma cirurgia devolverá aos 60 o rosto que tínhamos aos 18, mas que envelhecer não é sinônimo de decadência física para aqueles que se movimentam, não fumam, comem com parcimônia, exercitam a cognição e continuam atentos às transformações do mundo.

Considerar a vida um vale de lágrimas no qual submergimos de corpo e alma ao deixar a juventude é torná-la experiência medíocre. Julgar, aos 80 anos, que os melhores foram aqueles dos 15 aos 25 é não levar em conta que a memória é editora autoritária, capaz de suprimir por conta própria as experiências traumáticas e relegar ao esquecimento inseguranças, medos, decepções afetivas, riscos desnecessários e as burradas que fizemos nessa época.

Nada mais ofensivo para o velho do que dizer que ele tem “cabeça de jovem”. É considerá-lo mais inadequado do que o rapaz de 20 anos que se comporta como criança de dez. Ainda que maldigamos o envelhecimento, é ele que nos traz a aceitação das ambiguidades, das diferenças, do contraditório e abre espaço para uma diversidade de experiências com as quais nem sonhávamos anteriormente.

VARELLA, D. **A arte de envelhecer**. Adaptado. Disponível em Acesso em: mai. 2017.

Ao fazer alusão a “um vale de lágrimas” (parágrafo 9), o autor

- a) retrata a velhice como a melhor fase da vida.
- b) compara juventude e velhice como processos naturais e contínuos.
- c) diferencia estar velho fisicamente e sentir-se velho.
- d) caracteriza a velhice com a fase de maior busca religiosa.
- e) critica determinada visão acerca do fim da juventude.

2. (ITA/2018)

a coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer
a barba vai descendo e os cabelos vão caindo pra cabeça aparecer
os filhos vão crescendo e o tempo vai dizendo que agora é pra valer
os outros vão morrendo e a gente aprendendo a esquecer
não quero morrer pois quero ver



como será que deve ser envelhecer
eu quero é viver pra ver qual é
e dizer venha pra o que vai acontecer
eu quero que o tapete voe / no meio da sala de estar
eu quero que a panela de pressão pressione
e que a pia comece a pingar
eu quero que a sirene soe
e me faça levantar do sofá
eu quero pôr Rita Pavone*
no ringtone do meu celular
eu quero estar no meio do ciclone
pra poder aproveitar
e quando eu esquecer meu próprio nome
que me chamem de velho gagá
pois ser eternamente adolescente nada é mais demodê
com uns ralos fios de cabelo sobre a testa que não para de crescer
não sei por que essa gente vira a cara pro presente e esquece de aprender
que felizmente ou infelizmente sempre o tempo vai correr.

*cantora italiana de grande sucesso na década de 1960.

ANTUNES, A. Envelhecer. **Álbum Ao vivo lá em casa**. 2010.

O emprego recorrente do verbo querer, no texto, revela

- a) inconformismo diante do processo de envelhecimento.
- b) medo de se tornar inútil quando a velhice chegar.
- c) anseio por uma vida plena de coisas boas.
- d) crença na ideia de que querer é poder.
- e) boa receptividade para a chegada da velhice.

3. (ITA/2015)

Texto de Rubem Braga, publicado pela primeira vez em 1952, no jornal *Correio da Manhã*, do Rio.

José Leal fez uma reportagem na Ilha das Flores, onde ficam os imigrantes logo que chegam. E falou dos equívocos de nossa política imigratória. As pessoas que ele encontrou não eram agricultores e técnicos, gente capaz de ser útil. Viu músicos profissionais, bailarinas austríacas, cabeleireiras lituanas. Paul Balt toca acordeão, Ivan



Donef faz coquetéis, Galar Bedrich é vendedor, Serof Nedko é ex-oficial, Luigi Tonizo é jogador de futebol, Ibolya Pohl é costureira. Tudo gente para o asfalto, “para entulhar as grandes cidades”, como diz o repórter.

O repórter tem razão. Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas, ao olhar essas belas fotografias que ilustram a reportagem. Essa linda costureirinha morena de Badajoz, essa Ingeborg que faz fotografias e essa Irgard que não faz coisa alguma, esse Stefan Cromick cuja única experiência na vida parece ter sido vender bombons – não, essa gente não vai aumentar a produção de batatinhas e quiabos nem plantar cidades no Brasil Central.

É insensato importar gente assim. Mas o destino das pessoas e dos países também é, muitas vezes, insensato: principalmente da gente nova e países novos. A humanidade não vive apenas de carne, alface e motores. Quem eram os pais de Einstein, eu pergunto; e se o jovem Chaplin quisesse hoje entrar no Brasil acaso poderia? Ninguém sabe que destino terão no Brasil essas mulheres louras, esses homens de profissões vagas. Eles estão procurando alguma coisa: emigraram. Trazem pelo menos o patrimônio de sua inquietação e de seu apetite de vida. Muitos se perderão, sem futuro, na vagabundagem inconsequente das cidades; uma mulher dessas talvez se suicide melancolicamente dentro de alguns anos, em algum quarto de pensão. Mas é preciso de tudo para fazer um mundo; e cada pessoa humana é um mistério de heranças e de taras. Acaso importamos o pintor Portinari, o arquiteto Niemeyer, o físico Lattes? E os construtores de nossa indústria, como vieram eles ou seus pais? Quem pergunta hoje, e que interessa saber, se esses homens ou seus pais ou seus avós vieram para o Brasil como agricultores, comerciantes, barbeiros ou capitalistas, aventureiros ou vendedores de gravata? Sem o tráfico de escravos não teríamos tido Machado de Assis, e Carlos Drummond seria impossível sem uma gota de sangue (ou uísque) escocês nas veias, e quem nos garante que uma legislação exemplar de imigração não teria feito Roberto Burle Marx nascer uruguaio, Vila Lobos mexicano, ou Pancetti chileno, o general Rondon canadense ou Noel Rosa em Moçambique? Sejam humildes diante da pessoa humana: o grande homem do Brasil de amanhã pode descender de um clandestino que neste momento está saltando assustado na praça Mauá, e não sabe aonde ir, nem o que fazer. Façamos uma política de imigração sábia, perfeita, materialista; mas deixemos uma pequena margem aos inúteis e aos vagabundos, às aventureiras e aos tontos porque dentro de algum deles, como sorte grande da fantástica loteria humana, pode vir a nossa redenção e a nossa glória.

BRAGA, R. Imigração. In: **A borboleta amarela**. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.

No trecho, Tudo gente para o asfalto, “para entulhar as grandes cidades”, como diz o repórter, Rubem Braga

- I. retrata o ponto de vista do repórter José Leal.
- II. cita José Leal e, com isso, marca a direção argumentativa do seu texto.
- III. concorda com o repórter, segundo o qual os imigrantes deveriam trabalhar apenas no campo.



IV. concorda com o repórter, segundo o qual os imigrantes são desqualificados por exercerem profissões tipicamente urbanas.

Estão corretas apenas:

- a) I e II.
- b) I, II e IV.
- c) I e III.
- d) II, III, IV.
- e) III e IV.

4. (ITA/2015)

Texto do psicanalista uruguaio Marcelo Viñar.

Nos estudos de antropologia política de Pierre Clastres*, estudioso francês que conviveu durante muito tempo com tribos indígenas sul-americanas, menciona-se o fato de frequentemente os membros dessas tribos designarem a si mesmos com um vocábulo que em sua língua era sinônimo de “os homens” e reservavam para seus congêneres de tribos vizinhas termos como “ovos de piolho”, “subhomens” ou equivalentes com valor pejorativo.

Trago esta referência – que Clastres denomina etnocentrismo – eloquente de uma xenofobia em sociedades primitivas, porque ela é tentadora para propor origens precoces, quem sabe constitucionais ou genéticas, no ódio ou recusa das diferenças.

A mesma precocidade, dizem alguns, encontra-se nas crianças. Uma criança uruguaia, com clara ascendência europeia, como é comum em nosso país, resultado do genocídio indígena, denuncia, entre indignada e temerosa, sua repulsa a uma criança japonesa que entrou em sua classe (fato raro em nosso meio) e argumenta que sua linguagem lhe é incompreensível e seus traços são diferentes e incomuns.

Se as crianças e os primitivos reagem deste modo, poder-se-ia concluir – precipitadamente – que o que manifestam, de maneira tão primária e transparente, é algo que os desenvolvimentos posteriores da civilização tornarão evidente de forma mais complexa e sofisticada, mas com a mesma contundência elementar.

Por esse caminho, e com a tendência humana a buscar causalidades simples e lineares, estamos a um passo de “encontrar” explicações instintivas do ódio e da violência, em uma hierarquização em que a natureza precede a cultura, território de escolha das argumentações racistas. A “natureza” – o “biológico” como “a” origem ou “a” causa – operam como explicação segura e tranquilizadora ante questões que nos encurralam na ignorância e na insegurança de um saber parcial. [...]

(*) Pierre Clastres (1934-1977)

VIÑAR, M. O reconhecimento do próximo. Notas para pensar o ódio ao estrangeiro. In: Caterina Koltai (org.) **O estrangeiro**. São Paulo: Escuta; Fapesp, 1998



No texto, pode-se depreender que a xenofobia

- a) é comum entre os primitivos e as crianças, por isso é inata.
- b) tem sempre como fator gerador a aparência diferente dos estrangeiros.
- c) pode ter níveis diferentes de sofisticação, dependendo do contexto social.
- d) ocorre apenas em relação aos estrangeiros oriundos de lugares distantes.
- e) é um sentimento incontrolável por parte de pessoas de qualquer cultura, por isso inevitável.

5. (ITA/2015)

Leia os dois excertos de entrevistas com dois africanos de Guiné-Bissau, que foram universitários no Brasil nos anos 1980.

Excerto 1: Para muitas pessoas, mesmo professores universitários, a África era um país. “Ah, você veio de onde? Da África?” “Sim, da Guiné-Bissau.” “Ah, Guiné-Bissau, região da África.” Quer dizer, Guiné-Bissau pra eles é como Brasil, São Paulo, Santa Catarina, Rio de Janeiro.

Excerto 2: Porque a novela passa tudo de bom, o pobre vive bem, né? Mesmo dentro da favela, você vê aquela casa bonitinha, tal. Então tinha uma ideia, eu, pelo menos, tinha uma ideia de um Brasil... quer dizer, fantástico!

Extraídos do curta-metragem *Identidades em trânsito*, de Daniele Ellery e Márcio Câmara. Disponível em: <http://portacurtas.org.br>

A visão de alguns brasileiros sobre Guiné-Bissau, segundo um guineense (Excerto 1), assim como a de um outro guineense sobre o Brasil (Excerto 2) é

- a) idealizada.
- b) pessimista.
- c) equivocada.
- d) antropocêntrica.
- e) utilitarista.

Texto para as questões 6, 7 e 8:

Não há hoje no mundo, em qualquer domínio de atividade artística, um artista cuja arte contenha maior universalidade que a de Charles Chaplin. A razão vem de que o tipo de Carlito é uma dessas criações que, salvo idiosincrasias muito raras, interessam e agradam a toda a gente. Como os heróis das lendas populares ou as personagens das velhas farsas de mamulengo.

Carlito é popular no sentido mais alto da palavra. Não saiu completo e definitivo da cabeça de Chaplin: foi uma criação em que o artista procedeu por uma sucessão de tentativas e erradas.



Chaplin observava sobre o público o efeito de cada detalhe.

Um dos traços mais característicos da pessoa física de Carlito foi achado casual. Chaplin certa vez lembrou-se de arremedar a marcha desgovernada de um tabético. O público riu: estava fixado o andar habitual de Carlito.

O vestuário da personagem – fraquezinho humorístico, calças lambazonas, botinas escarrapachadas, cartolinha – também se fixou pelo consenso do público.

Certa vez que Carlito trocou por outras as botinas escarrapachadas e a clássica cartolinha, o público não achou graça: estava desapontado. Chaplin eliminou imediatamente a variante. Sentiu com o público que ela destruía a unidade física do tipo. Podia ser jocosa também, mas não era mais Carlito.

Note-se que essa indumentária, que vem dos primeiros filmes do artista, não contém nada de especialmente extravagante. Agrada por não sei quê de elegante que há no seu ridículo de miséria. Pode-se dizer que Carlito possui o dandismo do grotesco.

Não será exagero afirmar que toda a humanidade viva colaborou nas salas de cinema para a realização da personagem de Carlito, como ela aparece nessas estupendas obras-primas de *humour* que são *O Garoto*, *Ombro Arma*, *Em Busca do Ouro* e *O Circo*.

Isto por si só atestaria em Chaplin um extraordinário dom de discernimento psicológico. Não obstante, se não houvesse nele profundidade de pensamento, lirismo, ternura, seria levado por esse processo de criação à vulgaridade dos artistas medíocres que condescendem com o fácil gosto do público.

Aqui é que começa a genialidade de Chaplin. Descendo até o público, não só não se vulgarizou, mas ao contrário ganhou maior força de emoção e de poesia. A sua originalidade extremou-se. Ele soube isolar em seus dados pessoais, em sua inteligência e em sua sensibilidade de exceção, os elementos de irreduzível humanidade. Como se diz em linguagem matemática, pôs em evidência o fator comum de todas as expressões humanas. O olhar de Carlito, no filme *O Circo*, para a brioche do menino faz rir a criança como um gesto de gulodice engraçada. Para um adulto pode sugerir da maneira mais dramática todas as categorias do desejo. A sua arte simplificou-se ao mesmo tempo que se aprofundou e alargou. Cada espectador pode encontrar nela o que procura: o riso, a crítica, o lirismo ou ainda o contrário de tudo isso.

Essas reflexões me acudiram ao espírito ao ler umas linhas da entrevista fornecida a Florent Fels pelo pintor Pascin, búlgaro naturalizado americano. Pascin não gosta de Carlito e explicou que uma fita de Carlito nos Estados Unidos tem uma significação muito diversa da que lhe dão fora de lá. Nos Estados Unidos Carlito é o sujeito que não sabe fazer as coisas como todo mundo, que não sabe viver como os outros, não se acomoda em meio algum, –em suma um inadaptável. O espectador americano ri satisfeito de se sentir tão diferente daquele sonhador ridículo. É isto que faz o sucesso de Chaplin nos Estados Unidos. Carlito com as suas lamentáveis aventuras constitui ali uma lição de moral para educação da mocidade no sentido de preparar uma geração de homens hábeis, práticos e bem quaisquer!

Por mais ao par que se esteja do caráter prático do americano, do seu critério de sucesso para julgamento das ações humanas, do seu gosto pela standardização, não deixa de surpreender aquela interpretação moralista dos filmes de Chaplin. Bem



examinadas as coisas, não havia motivo para surpresa. A interpretação cabe perfeitamente dentro do tipo e mais: o americano bem verdadeiramente americano, o que veda a entrada do seu território a doentes e estropiados, o que propõe o pacto contra a guerra e ao mesmo tempo assalta a Nicarágua, não poderia sentir de outro modo.

Não importa, não será menos legítima a concepção contrária, tanto é verdade que tudo cabe na humanidade vasta de Carlito. Em vez de um fraco, de um pulha, de um inadaptável, posso eu interpretar Carlito como um herói. Carlito passa por todas as misérias sem lágrimas nem queixas. Não é força isto? Não perde a bondade apesar de todas as experiências, e no meio das maiores privações acha um jeito ⁵⁴ de amparar a outras criaturas em aperto. Isso é pulhice?

Aceita com estoicismo as piores situações, dorme onde é possível ou não dorme, come sola de sapato cozida como se se tratasse de alguma língua do Rio Grande. É um inadaptável?

Sem dúvida não sabe se adaptar às condições de sucesso na vida. Mas haverá sucesso que valha a força de ânimo do sujeito sem nada neste mundo, sem dinheiro, sem amores, sem teto, quando ele pode agitar a bengalinha como Carlito com um gesto de quem vai tirar a felicidade do nada? Quando um ajuntamento se forma nos filmes, os transeuntes vão parando e acercando-se do grupo com um ar de curiosidade interesseira. Todos têm uma fisionomia preocupada. Carlito é o único que está certo do , prazer ingênuo de olhar.

Neste sentido Carlito é um verdadeiro professor de heroísmo. Quem vive na solidão das grandes cidades não pode deixar de sentir intensamente o influxo da sua lição, e uma simpatia enorme nos prende ao boêmio nos seus gestos de aceitação tão simples.

Nada mais heroico, mais comovente do que a saída de Carlito no fim de *O Circo*. Partida a companhia, em cuja *troupe* seguia a menina que ele ajudara a casar com outro, Carlito por alguns momentos se senta no círculo que ficou como último vestígio do picadeiro, refletindo sobre os dias de barriga cheia e relativa felicidade sentimental que acabava de desfrutar. Agora está de novo sem nada e inteiramente só. Mas os minutos de fraqueza duram pouco. Carlito levanta-se, dá um puxão na casaquinha para recuperar a linha, faz um molinete com a bengalinha e sai campo afora sem olhar para trás. Não tem um vintém, não tem uma afeição, não tem onde dormir nem o que comer. No entanto vai como um conquistador pisando em terra nova. Parece que o Universo é dele. E não tenham dúvida: o Universo é dele.

Com efeito, Carlito é poeta.

Em: **Crônicas da Província do Brasil**. 1937.

idiossincrasia (Ref. 3): maneira de ser e de agir própria de cada pessoa.

mamulengo (Ref. 4): fantoche, boneco usado à mão em peças de teatro popular ou infantil.

tabético (Ref. 9): que tem andar desgovernado, sem muita firmeza.

dandismo (Ref. 18): relativo ao indivíduo que se veste e se comporta com elegância.

pulhice (Ref. 54): safadeza, canalhice.



estoicismo (Ref. 55): resignação com dignidade diante do sofrimento, da adversidade, do infortúnio.

molinete (Ref. 71): movimento giratório que se faz com a espada ou outro objeto semelhante.

6. (ITA/2014)

Considerando que o título pode antecipar para o leitor o tema central do texto, assinale a opção que apresenta o título mais adequado.

- a) A representatividade de Carlito em *O Circo*.
- b) O heroísmo de Carlito.
- c) As representações da vida real por Chaplin.
- d) A recepção dos filmes de Chaplin.
- e) A dualidade no personagem Carlito.

7. (ITA/2014)

Considere o enunciado “Carlito é popular no sentido mais alto da palavra” (Ref. 5) e as informações de todo o texto. Na visão de Bandeira, a popularidade pode ser explicada pelo fato de Carlito

- I. ser apresentado com indumentária elegante.
- II. ser responsável por atrair grande público para os cinemas.
- III. retratar o tipo heroico americano, que não quer ser considerado malsucedido.
- IV. ter sido ajustado a partir das reações do público.

Está(ão) correta(s):

- a) apenas I e II.
- b) apenas I e III.
- c) apenas II e IV.
- d) apenas III e IV.
- e) todas.

8. (ITA/2014)

Segundo o texto, **herói** é aquele que

- a) comove as pessoas que o rodeiam.
- b) faz as pessoas levarem a vida de maneira leve.
- c) age de maneira corajosa e previsível.
- d) enfrenta as adversidades, ainda que tenha momentos de fraqueza.
- e) despreza o sucesso, embora o considere importante.



Texto para as questões 9 e 10

Escravos da tecnologia

Não, não vou falar das fábricas que atraem trabalhadores honestos e os tratam de forma desumana. Cada vez que um produto informa orgulhoso que foi desenhado na Califórnia e fabricado na China, sinto um arrepio na espinha. Conheço e amo essas duas partes do mundo.

Também conheço a capacidade de a tecnologia eliminar empregos. Parece o sonho de todo patrão: muita margem de lucro e poucos empregados. Se possível, nenhum! Tudo terceiro!

Conheço ainda como a tecnologia é capaz de criar empregos. Vivo há 15 anos num meio que disputa engenheiros e técnicos a tapa, digo, a dólares. O que acontece aí no Brasil, nessa área, acontece igualzinho no Vale do Silício: empresas tentando arrancar talentos umas das outras. Aqui, muitos decidem tentar a sorte abrindo sua própria start-up, em vez de encher o bolso do patrão. Estou rodeada também de investidores querendo fazer apostas para... voltar a encher os bolsos ainda mais.

Mas queria falar hoje de outro tipo de escravidão tecnológica. Não dos que dormiram na rua sob chuva para comprar o novo iPhone 4S... Quero reclamar de quanto nós estamos tendo de trabalhar de graça para os sistemas, cada vez que tentamos nos mover na Internet. Isso é escravidão – e odeio isso.

Outro dia, fiz aniversário e fui reservar uma mesa num restaurante bacana da cidade. Achei o *site* do restaurante, lindo, e pareceu fácil de reservar *on-line*. *Call on* OpenTable, sistema bastante usado e eficaz por aqui. Escolhi dia, hora, informei número de pessoas e, claro, tive de dar meu nome, *e-mail* e telefone.

Dois dias antes da data marcada, precisei mudar o número de participantes, pois tive confirmação de mais pessoas. Entrei no *site*, mas aí nem o *site* nem o OpenTable podiam modificar a reserva *on-line*, pela proximidade do jantar. A recomendação era... telefonar ao restaurante! Humm... Telefonei. Secretária eletrônica. Deixei recado.

No dia seguinte um funcionário do restaurante me ligou, confirmando ter ouvido o recado e tudo certo com o novo tamanho da mesa. Incrível! Que felicidade ouvir um ser humano de verdade me dando a resposta que eu queria ouvir! Hoje, tentando dar conta da leitura dos vários *e-mails* que recebo, tentando arduamente não perder os relevantes, os imprescindíveis, os dos amigos, os da família e os dos leitores, recebi um do OpenTable.

Queriam que avaliasse minha experiência no restaurante. Tudo bem, concordo que *ranking* de público é coisa legal. Mas posso dizer outra coisa?

Não tenho tempo de ficar entrando em *sites* e preenchendo questionários de avaliação de cada refeição, produto e serviço que usufruo na vida! Simples assim! Sem falar que é chato! Ainda mais agora que os crescentes intermediários eletrônicos se metem no jogo entre o cliente e o fornecedor.

Quando o garçom ou o “maitre” perguntam se a comida está boa, você fica contente em responder, até porque eles podem substituir o prato se você não estiver



gostando. Mas quando um terceiro se mete nessa relação sem ser chamado, pode ser excessivo e desagradável. Parece que todas as empresas do mundo decidiram que, além de exigir informações cadastrais, *logins* e senhas, e empurrar goela abaixo seus sistemas automáticos de atendimento, tenho agora de preencher fichas pós-venda eletronicamente, de modo que as estatísticas saiam prontas e baratinhas para eles do outro lado da tela, à custa do meu precioso tempo!

Por que o OpenTable tem de perguntar de novo o que achei da comida? Eu sei. Porque para o OpenTable essa informação tem um valor diferente. Não contente em fazer reservas, quis invadir a praia do Yelp, o grande guia local que lista e traz avaliações dos clientes para tudo quanto é tipo de serviço, a começar pelos restaurantes.

O Yelp, por sua vez, invadiu a praia do Zagat (recém-comprado pelo Google), tradicionalíssimo guia (em papel) de restaurantes, que, por décadas, foi alimentado pelas avaliações dos leitores, via correio. As relações cliente-fornecedor estão mudando. Não faltarão “redutores” de custos e atravessadores *on-line*.

(Marion Strecker. **Folha de S. Paulo**, 20/10/2011. Texto adaptado.)

(*) *Start-up*: Empresa com baixo custo de manutenção, que consegue crescer rapidamente e gerar grandes e crescentes lucros em condições de extrema incerteza.

9. (ITA/2013)

Assinale a opção em que no trecho selecionado **NÃO** se evidencia o recurso à linguagem figurada.

- Também conheço a capacidade de a tecnologia eliminar empregos.
- Vivo há 15 anos num meio que disputa engenheiros e técnicos a tapa, digo, a dólares.
- Aqui, muitos decidem tentar a sorte abrindo sua própria *start-up*, em vez de encher o bolso do patrão.
- Parece que todas as empresas do mundo decidiram que, além de exigir informações cadastrais, *logins* e senhas, e empurrar goela abaixo seus sistemas automáticos de atendimento, [...].
- Não contente em fazer reservas, quis invadir a praia do Yelp, o grande guia local que lista e traz avaliações dos clientes para tudo quanto é tipo de serviço, a começar pelos restaurantes.

10. (ITA/2013)

O aspecto da noção de *sistema* criticado no texto diz respeito

- à fabricação de produtos tecnológicos em mais de um país.
- ao uso de mecanismos computacionais para colher informações dos consumidores.
- aos mecanismos eletrônicos para fazer reservas.
- à forma como foram elaborados os guias Yelp e Zagat.
- à terceirização da fabricação de produtos e da prestação de serviços.



11. (ITA/2013)

Nove em cada dez usuários de Internet recebem *spams* em seus *e-mails* corporativos, segundo estudo realizado pela empresa alemã Antispameurope, especializada em lixo eletrônico virtual. Cada trabalhador perde, em média, sete minutos por dia limpando a caixa de mensagens, e essa quebra na produtividade custa € 828 – pouco mais de R\$ 2,3 mil – anuais às empresas.

Tomando-se como base os números apontados pela pesquisa, uma corporação de médio porte, com mil funcionários, perde, portanto, € 828 mil por ano – ou R\$ 2,3 milhões – com esta prática que é considerada, apesar de simplória, uma verdadeira praga da modernidade.

O *spam* remete às mensagens não-solicitadas enviadas em massa, geralmente utilizadas para fins comerciais, e pode de fato prejudicar consideravelmente a produtividade no ambiente de trabalho.

Um relatório da Symantec, empresa de segurança virtual, mostra que o Brasil é o segundo maior emissor de *spam* do mundo, com geração de 10% de todo o fluxo de mensagens indesejadas na rede mundial de computadores. Os campeões são os norte-americanos, com 26%. [...]

(Rodrigo Capelo. <http://www.vocecommaistempo.com.br>. Acesso em: 23/09/2012. Texto adaptado.)

Um título que contempla o conteúdo abordado no texto é:

- a) Spam: Estados Unidos e Brasil lideram o ranking.
- b) Spam: preocupação de empresas europeias.
- c) Spam: perda de tempo e prejuízos financeiros.
- d) Spam: praga da modernidade.
- e) Spam: nova forma de propaganda.

12. (ITA/2011)

Véspera de um dos muitos feriados em 2009 e a insana tarefa de mover-se de um bairro a outro em São Paulo para uma reunião de trabalho. Claro que a cidade já tinha travado no meio da tarde. De táxi, pagaria uma fortuna para ficar parada e chegar atrasada, pois até as vias alternativas que os taxistas conhecem estavam entupidas. De ônibus, nem o corredor funcionaria, tomado pela fila dos mastodônticos veículos. Uma dádiva: eu não estava de carro. Com as pernas livres dos pedais do automóvel e um sapato baixo, nada como viver a liberdade de andar a pé. Carro já foi sinônimo de liberdade, mas não contava com o congestionamento.

Liberdade de verdade é trafegar entre os carros, e mesmo sem apostar corrida, observar que o automóvel na rua anda à mesma velocidade média que você na calçada. É quase como flunar. Sei, como motorista, que o mais irritante do trânsito é quando o pedestre naturalmente te ultrapassa. Enquanto você, no carro, gasta dinheiro para



encher o ar de poluentes, esquentar o planeta e chegar atrasado às reuniões. E ainda há quem pegue congestionamento para andar de esteira na academia de ginástica.

Do Itaim ao Jardim Paulista, meia horinha de caminhada. Deu para ver que a Avenida Nove de Julho está cheia de mudas crescidas de pau-brasil. E mais uma porção de cenas que só andando a pé se pode observar. Até chegar ao compromisso pontualmente.

Claro que há pedras no meio do caminho dos pedestres, e muitas. Já foram inclusive objeto de teses acadêmicas. Uma delas, *Andar a pé: um modo de transporte para a cidade de São Paulo*, de Maria Ermelina Brosch Malatesta, sustenta que, apesar de ser a saída mais utilizada pela população nas atuais condições de esgotamento dos sistemas de mobilidade, o modo de transporte a pé é tratado de forma inadequada pelos responsáveis por administrar e planejar o município.

As maiores reclamações de quem usa o mais simples e barato meio de locomoção são os "obstáculos" que aparecem pelo caminho: bancas de camelôs, bancas de jornal, lixeira, postes. Além das calçadas estreitas, com buracos, degraus, desníveis. E o estacionamento de veículos nas calçadas, mais a entrada e a saída em guias rebaixadas, aponta o estudo.

Sem falar nas estatísticas: atropelamentos correspondem a 14% dos acidentes de trânsito. Se o acidente envolve vítimas fatais, o percentual sobe para nada menos que 50% – o que atesta a falta de investimento público no transporte a pé.

Na Região Metropolitana de São Paulo, as viagens a pé, com extensão mínima de 500 metros, correspondem a 34% do total de viagens. Percentual parecido com o de Londres, de 33%. Somadas aos 32% das viagens realizadas por transporte coletivo, que são iniciadas e concluídas por uma viagem a pé, perfazem o total de 66% das viagens! Um número bem desproporcional ao espaço destinado aos pedestres e ao investimento público destinado a eles, especialmente em uma cidade como São Paulo, onde o transporte individual motorizado tem a primazia.

A locomoção a pé acontece tanto nos locais de maior densidade – caso da área central, com registro de dois milhões de viagens a pé por dia –, como nas regiões mais distantes, onde são maiores as deficiências de transporte motorizado e o perfil de renda é menor. A maior parte das pessoas que andam a pé tem poder aquisitivo mais baixo. Elas buscam alternativas para enfrentar a condução cara, desconfortável ou lotada, o ponto de ônibus ou estação distantes, a demora para a condução passar e a viagem demorada.

Já em bairros nobres, como Moema, Itaim e Jardins, por exemplo, é fácil ver carrões que saem das garagens para ir de uma esquina a outra e disputar improváveis vagas de estacionamento. A ideia é manter-se fechado em shoppings, boutiques, clubes, academias de ginástica, escolas, escritórios, porque o ambiente lá fora – o nosso meio ambiente urbano – dizem que é muito perigoso.

Amália Safatle. <http://terramagazine.terra.com.br>, 15/07/2009. Adaptado.



Do título do texto, *Meio ambiente urbano: o barato de andar a pé*, **NÃO** se pode depreender que andar a pé é mais

- I. prazeroso.
- II. econômico.
- III. divertido.
- IV. frequente.

Estão corretas

- a) apenas I e II.
- b) apenas I, II e III.
- c) apenas I e III e IV.
- d) apenas II e IV.
- e) apenas II, III e IV.

13. (ITA/2011)

São Paulo – Não é preciso muito para imaginar o dia em que a moça da rádio nos anunciará, do helicóptero, o colapso final: “A CET¹ já não registra a extensão do congestionamento urbano. Podemos ver daqui que todos os carros em todas as ruas estão imobilizados. Ninguém anda, para frente ou para trás. A cidade, enfim, parou. As autoridades pedem calma, muita calma”.

“A autoestrada do Sul” é um conto extraordinário de Julio Cortázar². Está em *Todos os fogos o fogo*, de 1966 (a Civilização Brasileira traduziu). Narra, com monotonia infernal, um congestionamento entre Fontainebleau e Paris. É a história que inspirou *Weekend à francesa* (1967), de Godard³.

O que no início parece um transtorno corriqueiro vai assumindo contornos absurdos. Os personagens passam horas, mais horas, dias inteiros entalados na estrada.

Quando, sem explicações, o nó desata, os motoristas aceleram “sem que já se soubesse para que tanta pressa, por que essa correria na noite entre automóveis desconhecidos onde ninguém sabia nada sobre os outros, onde todos olhavam para a frente, exclusivamente para a frente”.

Não serve de consolo, mas faz pensar. Seguimos às cegas em frente há quanto tempo? De Prestes Maia aos túneis e viadutos de Maluf, a cidade foi induzida a andar de carro. Nossa urbanização se fez contra o transporte público. O símbolo modernizador da era JK é o pesadelo de agora, mas o fetiche da lata sobre rodas jamais se abalou.

Será ocasional que os carrões dos endinheirados – essas peruas high-tech – se pareçam com tanques de guerra? As pessoas saem de casa dentro de bunkers, literalmente armadas. E, como um dos tipos do conto de Cortázar, veem no engarrafamento uma “afronta pessoal”.



Alguém acredita em soluções sem que haja antes um colapso? Ontem era a crise aérea, amanhã será outra qualquer. A classe média necessita reciclar suas aflições. E sempre haverá algo a lembrá-la – coisa mais chata – de que ainda vivemos no Brasil.

SILVA, Fernando de Barros. **Folha de S. Paulo**, 17/03/2008.

(1) CET – Companhia de Engenharia de Tráfego.

(2) Julio Cortázar (1914-1984), escritor argentino.

(3) Jean-Luc Godard, cineasta francês, nascido em 1930.

Assinale a opção em que o autor expressa claramente seu julgamento.

- a) Podemos ver daqui que todos os carros em todas as ruas estão imobilizados.
- b) A cidade, enfim, parou.
- c) Os personagens passam horas, mais horas, dias inteiros entalados na estrada.
- d) Ontem era a crise aérea, amanhã será outra qualquer.
- e) E sempre haverá algo a lembrá-la – coisa mais chata – de que ainda vivemos no Brasil.

14. (ITA/2010)

Foi tão grande e variado o número de e-mails, telefonemas e abordagens pessoais que recebi depois de escrever que família deveria ser careta, que resolvi voltar ao assunto, para alegria dos que gostaram e náusea dos que não concordaram ou não entenderam (ai da unanimidade, mãe dos medíocres). Atenção: na minha coluna não usei “carea” como quadrado, estreito, alienado, fiscalizador e moralista, mas humano, aberto, atento, cuidadoso. Obviamente empreguei esse termo de propósito, para enfatizar o que desejava.

Houve quem dissesse que minha posição naquele artigo é politicamente conservadora demais. Pensei em responder que minha opinião sobre família nada tem a ver com postura política, eu que me considero um animal apolítico no sentido de partido ou de conceitos superados, como “a esquerda é inteligente e boa, a direita é grossa e arrogante”. Mas, na verdade, tudo o que fazemos, até a forma como nos vestimos e moramos, é altamente político, no sentido amplo de interesse no justo e no bom, e coerência com isso.

E assim, sem me pensar de direita ou de esquerda, por ser interessada na minha comunidade, no meu país, no outro em geral, em tudo o que faço e escrevo (também na ficção), mostro que sou pelos desvalidos. Não apenas no sentido econômico, mas emocional e psíquico: os sem autoestima, sem amor, sem sentido de vida, sem esperança e sem projetos.

O que tem isso a ver com minha ideia de família? Tem a ver, porque é nela que tudo começa, embora não seja restrito a ela. Pois muito se confunde família frouxa (o que significa sem atenção), descuidada (o que significa sem amor), desorganizada (o que significa aflição estéril) com o politicamente correto. Diga-se de passagem que acho o politicamente correto burro e fascista.



Voltando à família: acredito profundamente que ter filho é ser responsável, que educar filho é observar, apoiar, dar colo de mãe e ombro de pai, quando preciso. E é também deixar aquele ser humano crescer e desabrochar. Não solto, não desorientado e desamparado, mas amado com verdade e sensatez. Respeitado e cuidado, num equilíbrio amoroso dessas duas coisas. Vão me perguntar o que é esse equilíbrio, e terei de responder que cada um sabe o que é, ou sabe qual é seu equilíbrio possível. Quem não souber que não tenha filhos.

Também me perguntaram se nunca se justifica revirar gavetas e mexer em bolsos de adolescentes. Eventualmente, quando há suspeita séria de perigos como drogas, a relação familiar pode virar um campo de graves conflitos, e muita coisa antes impensável passa a se justificar. Deixar inteiramente à vontade um filho com problema de drogas é trágica omissão.

Assim como não considero bons pais ou mães os cobradores ou policiaiscos, também não acho que os do tipo “amiguinho” sejam muito bons pais. Repito: pais que não sabem onde estão seus filhos de 12 ou 14 anos, que nunca se interessaram pelo que acontece nas festinhas (mesmo infantis), que não conhecem nomes de amigos ou da família com quem seus filhos passam fins de semana (não me refiro a nomes importantes, mas a seres humanos confiáveis), que nada sabem de sua vida escolar, estão sendo tragicamente irresponsáveis. Pais que não arranjam tempo para estar com os filhos, para saber deles, para conversar com eles... não tenham filhos. Pois, na hora da angústia, não são os amiguinhos que vão orientá-los e ampará-los, mas o pai e a mãe – se tiverem cacife. O que inclui risco, perplexidade, medo, consciência de não sermos infalíveis nem onipotentes. Perdoem-me os pais que se queixam (são tantos!) de que os filhos são um fardo, de que falta tempo, falta dinheiro, falta paciência e falta entendimento do que se passa – receio que o fardo, o obstáculo e o estorvo a um crescimento saudável dos filhos sejam eles.

Mães que se orgulham de vestir a roupeta da filha adolescente, de frequentar os mesmos lugares e até de conquistar os colegas delas são patéticas. Pais que se consideram parceiros apenas porque bancam os garotões, idem. Nada melhor do que uma casa onde se escutam risadas e se curte estar junto, onde reina a liberdade possível. Nada pior do que a falta de uma autoridade amorosa e firme.

O tema é controverso, mas o bom senso, meio fora de moda, é mais importante do que livros e revistas com receitas de como criar filho (como agarrar seu homem, como enlouquecer sua amante...). É no velhíssimo instinto, na observação atenta e na escuta interessada que resta a esperança. Se não podemos evitar desgraças – porque não somos deuses –, é possível preparar melhor esses que amamos para enfrentar seus naturais conflitos, fazendo melhores escolhas vida afora.

Lya Luft. **Veja**, 06/06/2007.

Pode-se perceber conotação pejorativa em

- a) Houve quem dissesse que minha posição naquele artigo é politicamente conservadora demais.
- b) Quem não souber que não tenha filhos.



- c) Também me perguntaram se nunca se justifica revirar gavetas e mexer em bolsos de adolescentes.
- d) Pois, na hora da angústia, não são os amiguinhos que vão orientá-los e ampará-los, mas o pai e a mãe – se tiverem cacife.
- e) O que inclui risco, perplexidade, medo, consciência de não sermos infalíveis nem onipotentes.

15. (ITA/2006)

A Daslu e o shopping-bunker

A nova Daslu é o assunto preferido das conversas em São Paulo. Os ricos se entusiasma com a criação de um local tão exclusivo e cheio de roupas e objetos sofisticados e internacionais. Os pequeno-burgueses praguejam contra a iniciativa, indignados com tanta ostentação.

Antes instalada num conjunto de casas na Vila Nova Conceição, região de classe alta, a loja que vende **as grifes** mais famosas e caras do mundo passará agora a funcionar num prédio monumental construído no bairro “nouveau riche” da Vila Olímpia e ao lado do infelizmente pútrido e mal cheiroso rio Pinheiros.

A imprensa aproveita a mudança da Daslu para discorrer sobre as vantagens de uma vida luxuosa e exibir fotos exclusivas do interior da megaloja de quatro andares e seus salões labirínticos, onde praticamente não há corredores, pois, como diz a dona da loja, a ideia é que o consumidor se sinta em sua casa.

Estranha casa, **deve-se dizer**. Para entrar nela é preciso fazer uma carteira de sócio, depois de deixar o carro num estacionamento que custa R\$ 30,00 (a primeira hora). Obviamente, tudo isso tem por objetivo selecionar os consumidores e intimidar os pouco afortunados – os mesmos que, ao se aventurar na antiga loja, reclamavam da indiferença das vendedoras, as dasluzetes, muito mais solícitas com aqueles que elas já conheciam ou que demonstravam **de cara** seu poder de compra.

As complicações na portaria visam também, embora não se diga com clareza, a proteger o local e dar segurança aos milionários de todo o país que certamente farão da nova Daslu um de seus “points” durante a estada em São Paulo, como já ocorria com a antiga casa. A segurança é um item cada vez mais prioritário nos negócios hoje em dia – antes mesmo da inauguração, a loja teve um de seus caminhões de mudança roubado.

As formalidades na entrada levam ainda em conta a privacidade do local de quase 20 mil metros quadrados, não muito longe da favela Coliseu (sic). A reportagem de um site calculou, por falar nisso, que a soma da renda mensal de todas as famílias da favela (R\$ 10.725, segundo o IBGE) daria para comprar apenas duas calças Dolce & Gabbana na loja.

Tais fatores, digamos assim, **sinistros** da realidade brasileira é que impulsionam o pioneirismo da nova Daslu. Sim, a loja é uma empreitada verdadeiramente inédita. A Daslu, que desenvolveu no Brasil um certo tipo de atendimento exclusivo e personalizado para ricos, agora introduz, pela primeira vez no mundo, o modelo do shopping-bunker.



Todos sabem como os shopping centers floresceram em São Paulo e nas capitais brasileiras, tanto pelas facilidades que propiciam para **a gente** que vive nos centros urbanos congestionados e tumultuados, quanto pela segurança. Ao longo dos anos, eles foram surgindo aqui e ali, alterando a sociabilidade e a paisagem das cidades. Acabaram se transformando em uma espécie de praça (fechada), onde as classes alta e média podiam circular com tranquilidade, sem serem importunadas pela visão e a presença dos numerosos pobres e miseráveis, que, por sua vez, ocuparam as praças públicas (abertas), como a da República e a da Sé, em São Paulo. Dentro dos shoppings, os brasileiros sonhamos um mundo de riqueza, organização, limpeza, segurança, facilidades e sobretudo de distinção que lá fora, nas ruas, está agora longe de existir.

Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista. A cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos. [...]

<http://www1.folha.uol.com.br>, por Alcino Leite Neto. Consulta em 08/07/2005.

No texto, predomina a linguagem formal. No entanto, podem-se perceber nele algumas marcas de linguagem coloquial, como no trecho destacado em:

- a) as grifes.
- b) deve-se dizer.
- c) de cara.
- d) sinistros.
- e) a gente.

Texto para as questões 16 e 17:

EXAUSTO

Eu quero uma licença de dormir,
perdão pra descansar horas a fio,
sem ao menos sonhar
a leve palha de um pequeno sonho.
Quero o que antes da vida
foi o sono profundo das espécies,
a graça de um estado.
Semente.
Muito mais que raízes.

PRADO, Adélia. **Exausto**. Disponível em <<http://byluleoa-tecendopalavras.blogspot.com.br/>>.

Acesso em 31/07/17.



16. (IME/2018)

O vocábulo raízes (verso 9) se contrapõe a

- a) semente
- b) palha de um pequeno sonho.
- c) horas a fio.
- d) licença
- e) perdão

17. (IME/2018)

Qual das palavras a seguir substituindo a palavra semente no verso 8, acarretaria mudança de sentido?

- a) origem
- b) grão
- c) princípio
- d) vida
- e) início

18. (IME/2016)

CONSUMIDORES COM MAIS ACESSO À INFORMAÇÃO QUESTIONAM A VERDADE QUE LHES É VENDIDA

Ênio Rodrigo

Se você é mulher, talvez já tenha observado com mais atenção como a publicidade de produtos de beleza, especialmente os voltados a tratamentos de rejuvenescimento, usualmente possuem novíssimos "componentes anti-idade" e "microcápsulas" que ajudam "a sua pele a ter mais firmeza em oito dias", por exemplo, ou mesmo que determinados organismos "vivos" (mesmo depois de envazados, transportados e acondicionados em prateleiras com pouco controle de temperatura) fervilham aos milhões dentro de um vasilhame esperando para serem ingeridos ajudando a regular sua flora intestinal. Homens, crianças, e todo tipo de público também não estão fora do alcance desse discurso que utiliza um recurso cada vez mais presente na publicidade: a ciência e a tecnologia como argumento de venda.

Silvania Sousa do Nascimento, doutora em didática da ciência e tecnologia pela Universidade Paris VI e professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), enxerga nesse processo um resquício da visão positivista, na qual a ciência pode ser entendida como verdade absoluta. "A visão de que a ciência é a baliza ética da verdade e o mito do cientista como gênio criador é amplamente



difundida, mas entra, cada vez mais, em atrito com a realidade, principalmente em uma sociedade informacional, como a nossa", acrescenta.

Para entender esse processo numa sociedade pautada na dinâmica da informação, Ricardo Cavallini, consultor corporativo e autor do livro *O marketing depois de amanhã* (Universo dos Livros, 2007), afirma que, primeiramente, devemos repensar a noção de público específico ou senso comum. "Essas categorizações estão sendo postas de lado. A publicidade contemporânea trata com pessoas e elas têm cada vez mais acesso à informação e é assim que vejo a comunicação: com fronteiras menos marcadas e deixando de lado o paradigma de que o público é passivo", acredita. Silvania concorda e diz que a sociedade começa a perceber que a verdade suprema é estanque, não condiz com o dia-a-dia. "Ao se depararem com uma informação, as pessoas começam a pesquisar e isso as aproxima do fazer científico, ou seja, de que a verdade é questionável", enfatiza.

Para a professora da UFMG, isso cria o "jornalista contínuo", um indivíduo que põe a verdade à prova o tempo todo. "A noção de ciência atual é a de verdade em construção, ou seja, de que determinados produtos ou processos imediatamente anteriores à ação atual, são defasados".

Cavallini considera que as três linhas de pensamento possíveis que poderiam explicar a utilização do recurso da imagem científica para vender: a quantidade de informação que a ciência pode agregar a um produto; o quanto essa informação pode ser usada como diferencial na concorrência entre produtos similares; e a ciência como um selo de qualidade ou garantia. Ele cita o caso dos chamados produtos "verdes", associados a determinadas características com viés ecológico ou produtos que precisam de algum tipo de "auditoria" para comprovarem seu discurso. "Na mídia, a ciência entra como mecanismo de validação, criando uma marca de avanço tecnológico, mesmo que por pouquíssimo tempo", finaliza Silvania.

O fascínio por determinados temas científicos segue a lógica da saturação do termo, ou seja, ecoar algo que já esteja exercendo certo fascínio na sociedade. "O interesse do público muda bastante e a publicidade se aproveita desses temas que estão na mídia para recriá-los a partir de um jogo de sedução com a linguagem" diz Cristina Bruzzo, pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e que acompanhou a apropriação da imagem da molécula de DNA pelas mídias (inclusive publicidade). "A imagem do DNA, por exemplo, foi acrescida de diversos sentidos, que não o sentido original para a ciência, e transformado em discurso de venda de diversos produtos", diz.

Onde estão os dados comprovando as afirmações científicas, no entanto? De acordo com Eduardo Corrêa, do Conselho Nacional de Auto Regulamentação Publicitária (Conar) os anúncios, antes de serem veiculados com qualquer informação de cunho científico, devem trazer os registros de comprovação das pesquisas em órgãos competentes. Segundo ele, o Conar não tem o papel de avaliar metodologias ou resultados, o que fica a cargo do Ministério da Saúde, Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) ou outros órgãos. "O consumidor pode pedir uma revisão ou confirmação científica dos dados apresentados, contudo em 99% dos casos esses certificados são garantia de qualidade. Se surgirem dúvidas, quanto a dados numéricos de pesquisas de opinião pública, temos analistas no Conar que podem dar seus



pareceres", esclarece Corrêa. Mesmo assim, de acordo com ele, os processos investigatórios são raríssimos.

RODRIGO, Enio. Ciência e cultura na publicidade. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252009000100006&script=sci_arttext>. Acesso em 22/04/2015.

Acerca do vocábulo "categorizações" (3º parágrafo) e da expressão "marca de avanço tecnológico, mesmo que por pouquíssimo tempo" (5º parágrafo), podemos afirmar que

- I. o vocábulo "categorizações" refere-se a "componentes anti-idade" e "microcápsulas que ajudam a sua pele a ter mais firmeza em oito dias".
- II. a expressão "marca de avanço tecnológico, mesmo que por pouquíssimo tempo" traz a ideia de verdade questionável.
- III. o vocábulo "categorizações" retoma as noções de "público específico" e "senso comum".

Marque a opção correta:

- a) I apenas.
- b) II apenas.
- c) II e III
- d) I e II
- e) III apenas.



19. (IME/2014)

Poesia Matemática

Millôr Fernandes

¹ Às folhas tantas
² do livro matemático
³ um Quociente apaixonou-se
⁴ um dia
⁵ doidamente
⁶ por uma Incógnita.
⁷ Olhou-a com seu olhar inumerável
⁸ e viu-a do ápice __ base
⁹ uma figura ímpar;
¹⁰ olhos romboides, boca trapezoide,
¹¹ corpo retangular, seios esferoides.
¹² Fez de sua uma vida
¹³ paralela à dela
¹⁴ até que se encontraram
¹⁵ no infinito.
¹⁶ "Quem és tu?", indagou ele
¹⁷ em ânsia radical.
¹⁸ "Sou a soma do quadrado dos catetos.
¹⁹ Mas pode me chamar de Hipotenusa."
²⁰ E de falarem descobriram que eram
²¹ (o que em aritmética corresponde
²² a almas irmãs)
²³ primos entre si.
²⁴ E assim se amaram
²⁵ ao quadrado da velocidade da luz
²⁶ numa sexta potenciação
²⁷ traçando
²⁸ ao sabor do momento
²⁹ e da paixão
³⁰ retas, curvas, círculos e linhas senoidais
³¹ nos jardins da quarta dimensão.
³² Escandalizaram os ortodoxos das fórmulas
euclidiana
³³ e os exegetas do Universo Finito.
³⁴ Romperam convenções newtonianas e pitagóricas.

³⁵ E enfim resolveram se casar
³⁶ constituir um lar,
³⁷ mais que um lar,
³⁸ um perpendicular.
³⁹ Convidaram para padrinhos
⁴⁰ o Poliedro e a Bissetriz.
⁴¹ E fizeram planos, equações e diagramas para o
futuro
⁴² sonhando com uma felicidade
⁴³ integral e diferencial.
⁴⁴ E se casaram e tiveram uma secante e três cones
⁴⁵ muito engraçadinhos.
⁴⁶ E foram felizes
⁴⁷ até aquele dia
⁴⁸ em que tudo vira afinal
⁴⁹ monotonia.
⁵⁰ Foi então que surgiu
⁵¹ O Máximo Divisor Comum
⁵² frequentador de círculos concêntricos,
⁵³ viciosos.
⁵⁴ Ofereceu-lhe, a ela,
⁵⁵ uma grandeza absoluta
⁵⁶ e reduziu-a a um denominador comum.
⁵⁷ Ele, Quociente, percebeu
⁵⁸ que com ela não formava mais um todo,
⁵⁹ uma unidade.
⁶⁰ Era o triângulo,
⁶¹ tanto chamado amoroso.
⁶² Desse problema ela era uma fração,
⁶³ a mais ordinária.
⁶⁴ Mas foi então que Einstein descobriu a Relatividade
⁶⁵ e tudo que era espúrio passou a ser
⁶⁶ moralidade
⁶⁷ como aliás em qualquer
⁶⁸ sociedade.

RELEITURAS. Poesia matemática. Disponível em: <http://www.releituras.com/millor_poesia.asp>.
Acesso em 09/05/2013.



Assinale a opção que apresenta o par de definições adequadas às palavras “ortodoxos” (v. 32) e “espúrio” (v. 65), respectivamente.

- a) Que segue rigorosamente uma tradição ou norma; ilegítimo.
- b) Que se atém à geometria; falso.
- c) Que respeita os princípios matemáticos básicos; autêntico.
- d) Que prefere a matemática às letras; desonesto.
- e) Que se atém à lei e ao padrão; genuíno.

20. (IME/2009)

Imigração Japonesa no Brasil

A abolição da escravidão no Brasil em 1888 dá novo impulso à vinda de imigrantes europeus, cujo início se deu com os alemães em 1824. Em 1895 é assinado o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o Brasil e o Japão.

Com 781 japoneses a bordo, o navio Kasato-maru aporta em Santos. De lá eles são transportados para a hospedaria dos imigrantes, em São Paulo.

Na cafeicultura, a imigração começa com péssimos resultados. Um ano após a chegada ao Brasil, dos 781 imigrantes, apenas 191 permaneceram nos locais de trabalho. A maioria estava em São Paulo, Santos e Argentina. Apesar disso, a imigração continua com a chegada da segunda leva de imigrantes em 1910.

Em 1952 é assinado o Tratado de Paz entre o Brasil e o Japão. Nova leva de imigrantes chega ao Brasil para trabalhar nas fazendas administradas pelos japoneses. Grupo de jovens que imigra através da Cooperativa de Cotia recebe o nome de Cotia Seinen. O primeiro grupo chega em 1955.

O crescimento industrial no Japão e o período que foi chamado de “milagre econômico brasileiro” dão origem a grandes investimentos japoneses no Brasil. Os nisseis acabam sendo uma ponte entre os novos japoneses e os brasileiros.

As famílias agrícolas estabelecidas no Brasil passaram a procurar novas oportunidades e buscavam novos espaços para seus filhos. O grande esforço familiar para o estudo de seus filhos faz com que grande número de nisseis ocupe vagas nas melhores universidades do país.

Mais tarde, com o rápido crescimento econômico no Japão, as indústrias japonesas foram obrigadas a contratar mão-de-obra estrangeira para os trabalhos mais pesados ou repetitivos. Disso, resultou o movimento “dekassegui” por volta de 1985, que foi aumentando, no Brasil, à medida que os planos econômicos fracassavam. Parte da família, cujos ascendentes eram japoneses, deixava o Brasil como “dekassegui”, enquanto a outra permanecia para prosseguir os estudos ou administrar os negócios. Isso ocasionou problemas sociais, tanto por parte daqueles que não se adaptaram à nova realidade, como daqueles que foram abandonados pelos seus entes e até perderam contato.

Com o passar dos anos, surgiram muitas empresas especializadas em agenciar os “dekasseguis”, como também firmas comerciais no Japão que visaram especificamente



o público brasileiro. Em algumas cidades japonesas formaram-se verdadeiras colônias de brasileiros.

Disponível em www.culturajaponesa.com.br (texto adaptado). Acesso em: 29 ago 2008.

De acordo com o texto, “dekassegui” significa:

- a) descendentes de japoneses nascidos no Brasil que deixavam sua família em terras brasileiras para trabalhar no Japão.
- b) integrantes da família japonesa que permaneciam no Brasil para prosseguir os estudos e administrar os negócios.
- c) universitários brasileiros descendentes de japoneses que voltaram ao Japão para o trabalho pesado.
- d) nisseis de famílias agrícolas que procuravam novas oportunidades em países estrangeiros.
- e) Cotia Seinen que imigrava através da Cooperativa de Cotia.

4 Gabarito

1. E	8. D	15. C
2. E	9. A	16. A
3. A	10. B	17. D
4. C	11. C	18. C
5. C	12. B	19. A
6. B	13. E	20. A
7. C	14. D	

5 Questões comentadas

1. (ITA/2018)

Achei que estava bem na foto. Magro, olhar vivo, rindo com os amigos na praia. Quase não havia cabelos brancos entre os poucos que sobreviviam. Comparada ao homem de hoje, era a fotografia de um jovem. Tinha 50 anos naquela época, entretanto, idade em que me considerava bem distante da juventude. Se me for dado o privilégio de chegar aos 90 em pleno domínio da razão, é possível que uma imagem de agora me cause impressão semelhante.

O envelhecimento é sombra que nos acompanha desde a concepção: o feto de seis meses é muito mais velho do que o embrião de cinco dias. Lidar com a



inexorabilidade desse processo exige uma habilidade na qual nós somos inigualáveis: a adaptação. Não há animal capaz de criar soluções diante da adversidade como nós, de sobreviver em nichos ecológicos que vão do calor tropical às geleiras do Ártico.

Da mesma forma que ensaiamos os primeiros passos por imitação, temos que aprender a ser adolescentes, adultos e a ficar cada vez mais velhos. A adolescência é um fenômeno moderno. Nossos ancestrais passavam da infância à vida adulta sem estágios intermediários. Nas comunidades agrárias o menino de sete anos trabalhava na roça e as meninas cuidavam dos afazeres domésticos antes de chegar a essa idade.

A figura do adolescente que mora com os pais até os 30 anos, sem abrir mão do direito de reclamar da comida à mesa e da camisa mal passada, surgiu nas sociedades industrializadas depois da Segunda Guerra Mundial. Bem mais cedo, nossos avós tinham filhos para criar.

A exaltação da juventude como o período áureo da existência humana é um mito das sociedades ocidentais. Confinar aos jovens a publicidade dos bens de consumo, exaltar a estética, os costumes e os padrões de comportamento característicos dessa faixa etária têm o efeito perverso de insinuar que o declínio começa assim que essa fase se aproxima do fim.

A ideia de envelhecer aflige mulheres e homens modernos, muito mais do que afligia nossos antepassados. Sócrates tomou cicuta aos 70 anos, Cícero foi assassinado aos 63, Matusalém sabe-se lá quantos anos teve, mas seus contemporâneos gregos, romanos ou judeus viviam em média 30 anos. No início do século 20, a expectativa de vida ITA (2.o dia) – dezembro/2017 ao nascer nos países da Europa mais desenvolvida. não passava dos 40 anos.

A mortalidade infantil era altíssima; epidemias de peste negra, varíola, malária, febre amarela, gripe e tuberculose dizimavam populações inteiras. Nossos ancestrais viveram num mundo devastado por guerras, enfermidades infecciosas, escravidão, dores sem analgesia e a onipresença da mais temível das criaturas. Que sentido haveria em pensar na velhice quando a probabilidade de morrer jovem era tão alta? Seria como hoje preocupar-nos com a vida aos cem anos de idade, que pouquíssimos conhecerão.

Os que estão vivos agora têm boa chance de passar dos 80. Se assim for, é preciso sabedoria para aceitar que nossos atributos se modificam com o passar dos anos. Que nenhuma cirurgia devolverá aos 60 o rosto que tínhamos aos 18, mas que envelhecer não é sinônimo de decadência física para aqueles que se movimentam, não fumam, comem com parcimônia, exercitam a cognição e continuam atentos às transformações do mundo.

Considerar a vida um vale de lágrimas no qual submergimos de corpo e alma ao deixar a juventude é torná-la experiência medíocre. Julgar, aos 80 anos, que os melhores foram aqueles dos 15 aos 25 é não levar em conta que a memória é editora autoritária, capaz de suprimir por conta própria as experiências traumáticas e relegar ao esquecimento inseguranças, medos, desilusões afetivas, riscos desnecessários e as burradas que fizemos nessa época.

Nada mais ofensivo para o velho do que dizer que ele tem “cabeça de jovem”. É considerá-lo mais inadequado do que o rapaz de 20 anos que se comporta como criança de dez. Ainda que maldigamos o envelhecimento, é ele que nos traz a aceitação das



ambiguidades, das diferenças, do contraditório e abre espaço para uma diversidade de experiências com as quais nem sonhávamos anteriormente.

VARELLA, D. **A arte de envelhecer**. Adaptado. Disponível em Acesso em: mai. 2017.

Ao fazer alusão a “um vale de lágrimas” (parágrafo 9), o autor

- a) retrata a velhice como a melhor fase da vida.
- b) compara juventude e velhice como processos naturais e contínuos.
- c) diferencia estar velho fisicamente e sentir-se velho.
- d) caracteriza a velhice com a fase de maior busca religiosa.
- e) critica determinada visão acerca do fim da juventude.

Comentários:

Se pensarmos segundo a geografia, um “vale” é um espaço que se forma entre encostas, que pode gerar acúmulo de água. Um “vale de lágrimas”, portanto, seria uma grande quantidade de lágrimas, ou seja, muita tristeza muito sofrimento.

No texto, essa expressão aparece no seguinte contexto: “Considerar a vida um vale de lágrimas no qual submergimos de corpo e alma ao deixar a juventude é torná-la experiência medíocre”. Substituindo-se a expressão, teríamos algo como “Considerar a vida um grande sofrimento no qual submergimos de corpo e alma ao deixar a juventude é torná-la experiência medíocre”. É, portanto, uma crítica a pessoas que acreditam que a vida só vale a pena na juventude e que envelhecer significa necessariamente sofrimento. A alternativa correta, portanto, é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois não se pode auferir que a velhice seja a melhor fase da vida. Apenas que não se deve considerar a velhice um momento de sofrimento ou tristeza.

A alternativa B está incorreta, pois o fato da juventude e a velhice se encadearem não determina que isso seja um processo sofrido.

A alternativa C está incorreta, pois apesar de o texto admitir a possibilidade do “velho que tem cabeça de jovem”, nesse trecho não há referência à personalidade, mas ao modo que ela é encarada.

A alternativa D está incorreta, pois não há referências a religião no texto como um todo.

Gabarito: E

2. (ITA/2018)

a coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer

a barba vai descendo e os cabelos vão caindo pra cabeça aparecer



os filhos vão crescendo e o tempo vai dizendo que agora é pra valer
os outros vão morrendo e a gente aprendendo a esquecer
não quero morrer pois quero ver
como será que deve ser envelhecer
eu quero é viver pra ver qual é
e dizer venha pra o que vai acontecer
eu quero que o tapete voe / no meio da sala de estar
eu quero que a panela de pressão pressione
e que a pia comece a pingar
eu quero que a sirene soe
e me faça levantar do sofá
eu quero pôr Rita Pavone*
no ringtone do meu celular
eu quero estar no meio do ciclone
pra poder aproveitar
e quando eu esquecer meu próprio nome
que me chamem de velho gagá
pois ser eternamente adolescente nada é mais modê
com uns ralos fios de cabelo sobre a testa que não para de crescer
não sei por que essa gente vira a cara pro presente e esquece de aprender
que felizmente ou infelizmente sempre o tempo vai correr.

*cantora italiana de grande sucesso na década de 1960.

ANTUNES, A. Envelhecer. **Álbum Ao vivo lá em casa**. 2010.

O emprego recorrente do verbo querer, no texto, revela

- a) inconformismo diante do processo de envelhecimento.
- b) medo de se tornar inútil quando a velhice chegar.
- c) anseio por uma vida plena de coisas boas.
- d) crença na ideia de que querer é poder.
- e) boa receptividade para a chegada da velhice.

Comentários:

O verbo “querer” denota desejo. É o mesmo que “desejar”, “sentir vontade”. Ao associar esse verbo a comportamentos associados à velhice – como “esquecer meu



próprio nome” – o autor demonstra não temer a chegada da idade. O autor também afirma que “não quero morrer pois quero ver / como será que deve ser envelhecer”. Assim, a alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois ao longo do texto o autor se posiciona contrário à tentativa de não envelhecer, como em “ser eternamente adolescente nada é mais démodé”.

A alternativa B está incorreta, pois o autor se mostra receptivo à ideia de ser chamado de “velho gagá”, mostrando que não teme a possibilidade de ser considerado inútil.

A alternativa C está incorreta, pois nem tudo que o autor cita são coisas boas, como ser um “velho gagá”, por exemplo. No entanto, ele anseia pelo processo de envelhecimento mesmo assim.

A alternativa D está incorreta, pois não há qualquer ideia de motivação envolvida no texto. O autor apenas lista uma série de traços da idade que ele deseja viver, pois envelhecer significa estar vivo.

Gabarito: E

3. (ITA/2015)

Texto de Rubem Braga, publicado pela primeira vez em 1952, no jornal *Correio da Manhã*, do Rio.

José Leal fez uma reportagem na Ilha das Flores, onde ficam os imigrantes logo que chegam. E falou dos equívocos de nossa política imigratória. As pessoas que ele encontrou não eram agricultores e técnicos, gente capaz de ser útil. Viu músicos profissionais, bailarinas austríacas, cabeleireiras lituanas. Paul Balt toca acordeão, Ivan Donef faz coquetéis, Galar Bedrich é vendedor, Serof Nedko é ex-oficial, Luigi Tonizo é jogador de futebol, Ibolya Pohl é costureira. Tudo gente para o asfalto, “para entulhar as grandes cidades”, como diz o repórter.

O repórter tem razão. Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas, ao olhar essas belas fotografias que ilustram a reportagem. Essa linda costureirinha morena de Badajoz, essa Ingeborg que faz fotografias e essa Irgard que não faz coisa alguma, esse Stefan Cromick cuja única experiência na vida parece ter sido vender bombons – não, essa gente não vai aumentar a produção de batatinhas e quiabos nem plantar cidades no Brasil Central.

É insensato importar gente assim. Mas o destino das pessoas e dos países também é, muitas vezes, insensato: principalmente da gente nova e países novos. A humanidade não vive apenas de carne, alface e motores. Quem eram os pais de Einstein, eu pergunto; e se o jovem Chaplin quisesse hoje entrar no Brasil acaso poderia? Ninguém sabe que destino terão no Brasil essas mulheres louras, esses homens de profissões vagas. Eles estão procurando alguma coisa: emigraram. Trazem pelo menos o patrimônio de sua inquietação e de seu apetite de vida. Muitos se perderão, sem futuro, na vagabundagem inconsequente das cidades; uma mulher dessas talvez se suicide melancolicamente dentro de alguns anos, em algum quarto de pensão. Mas é preciso de tudo para fazer um mundo; e cada pessoa humana é um mistério de heranças e de taras. Acaso



importamos o pintor Portinari, o arquiteto Niemeyer, o físico Lattes? E os construtores de nossa indústria, como vieram eles ou seus pais? Quem pergunta hoje, e que interessa saber, se esses homens ou seus pais ou seus avós vieram para o Brasil como agricultores, comerciantes, barbeiros ou capitalistas, aventureiros ou vendedores de gravata? Sem o tráfico de escravos não teríamos tido Machado de Assis, e Carlos Drummond seria impossível sem uma gota de sangue (ou uísque) escocês nas veias, e quem nos garante que uma legislação exemplar de imigração não teria feito Roberto Burle Marx nascer uruguaio, Vila Lobos mexicano, ou Pancetti chileno, o general Rondon canadense ou Noel Rosa em Moçambique? Sejam humildes diante da pessoa humana: o grande homem do Brasil de amanhã pode descender de um clandestino que neste momento está saltando assustado na praça Mauá, e não sabe aonde ir, nem o que fazer. Façamos uma política de imigração sábia, perfeita, materialista; mas deixemos uma pequena margem aos inúteis e aos vagabundos, às aventureiras e aos tontos porque dentro de algum deles, como sorte grande da fantástica loteria humana, pode vir a nossa redenção e a nossa glória.

BRAGA, R. Imigração. In: **A borboleta amarela**. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.

No trecho, Tudo gente para o asfalto, “para entulhar as grandes cidades”, como diz o repórter, Rubem Braga

- I. retrata o ponto de vista do repórter José Leal.
- II. cita José Leal e, com isso, marca a direção argumentativa do seu texto.
- III. concorda com o repórter, segundo o qual os imigrantes deveriam trabalhar apenas no campo.
- IV. concorda com o repórter, segundo o qual os imigrantes são desqualificados por exercerem profissões tipicamente urbanas.

Estão corretas apenas:

- a) I e II.
- b) I, II e IV.
- c) I e III.
- d) II, III, IV.
- e) III e IV.

Comentários:

O item I. está correto, pois essa é a opinião do repórter em que Rubem Braga baseia sua crônica. Isso fica ainda mais claro pelo uso de aspas.

O item II. está correto, pois a estrutura argumentativa do texto se baseia na contraposição entre os pontos em que Rubem Braga concorda e discorda com José Leal.

O item III. está incorreto, pois não há no texto informações que permitam comprovar que a opinião do autor se relaciona com o trabalho no campo.



O item IV está incorreto, pois o que torna os imigrantes não qualificados é o fato de que já existe grande oferta desse tipo de mão de obra no Brasil e, por isso, suas habilidades não seriam necessárias.

Gabarito: A

4. (ITA/2015)

Texto do psicanalista uruguaio Marcelo Viñar.

Nos estudos de antropologia política de Pierre Clastres*, estudioso francês que conviveu durante muito tempo com tribos indígenas sul-americanas, menciona-se o fato de frequentemente os membros dessas tribos designarem a si mesmos com um vocábulo que em sua língua era sinônimo de “os homens” e reservavam para seus congêneres de tribos vizinhas termos como “ovos de piolho”, “subhomens” ou equivalentes com valor pejorativo.

Trago esta referência – que Clastres denomina etnocentrismo – eloquente de uma xenofobia em sociedades primitivas, porque ela é tentadora para propor origens precoces, quem sabe constitucionais ou genéticas, no ódio ou recusa das diferenças.

A mesma precocidade, dizem alguns, encontra-se nas crianças. Uma criança uruguaia, com clara ascendência europeia, como é comum em nosso país, resultado do genocídio indígena, denuncia, entre indignada e temerosa, sua repulsa a uma criança japonesa que entrou em sua classe (fato raro em nosso meio) e argumenta que sua linguagem lhe é incompreensível e seus traços são diferentes e incomuns.

Se as crianças e os primitivos reagem deste modo, poder-se-ia concluir – precipitadamente – que o que manifestam, de maneira tão primária e transparente, é algo que os desenvolvimentos posteriores da civilização tornarão evidente de forma mais complexa e sofisticada, mas com a mesma contundência elementar.

Por esse caminho, e com a tendência humana a buscar causalidades simples e lineares, estamos a um passo de “encontrar” explicações instintivas do ódio e da violência, em uma hierarquização em que a natureza precede a cultura, território de escolha das argumentações racistas. A “natureza” – o “biológico” como “a” origem ou “a” causa – operam como explicação segura e tranquilizadora ante questões que nos encurralam na ignorância e na insegurança de um saber parcial. [...]

(*) Pierre Clastres (1934-1977)

VIÑAR, M. O reconhecimento do próximo. Notas para pensar o ódio ao estrangeiro. In: Caterina Koltai (org.) **O estrangeiro**. São Paulo: Escuta; Fapesp, 1998

No texto, pode-se depreender que a xenofobia

- a) é comum entre os primitivos e as crianças, por isso é inata.
- b) tem sempre como fator gerador a aparência diferente dos estrangeiros.
- c) pode ter níveis diferentes de sofisticação, dependendo do contexto social.
- d) ocorre apenas em relação aos estrangeiros oriundos de lugares distantes.



e) é um sentimento incontrolável por parte de pessoas de qualquer cultura, por isso inevitável.

Comentários: A resposta para essa questão encontra-se quase que na íntegra textualmente. O pesquisador afirma que “Se as crianças e os primitivos reagem deste modo, poder-se-ia concluir – precipitadamente – que o que manifestam, de **maneira tão primária e transparente**, é algo que os desenvolvimentos posteriores da civilização tornarão evidente de **forma mais complexa e sofisticada**, mas com a mesma contundência elementar.”. Ainda que o texto não corrobore a ideia de que é natural a homem ser preconceituoso, ele admite que há formas mais primitivas e outras mais complexas de demonstrar a xenofobia. Assim, a alternativa correta é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois o autor alerta que não podemos assumir “precipitadamente” que esse comportamento seria inato.

A alternativa B está incorreta, pois nem sempre é uma questão de aparência, mas sim de origem: a expressão “xenofonia” se relaciona com o local de onde a outra pessoa provém, independente do tom de pele, ainda que a aparência seja determinante, pois dialoga com outros tipos de preconceito como o racismo.

A alternativa D está incorreta, pois a xenofobia pressupõe a rejeição ao diferente, que nem sempre é alguém que vem de um local distante.

A alternativa E está incorreta, pois o texto luta contra a ideia de que seria incontrolável ou inevitável. O texto afirma que não se pode cair na explicação simples de que seria natural ao ser humano ser preconceituoso.

Gabarito: C

5. (ITA/2015)

Leia os dois excertos de entrevistas com dois africanos de Guiné-Bissau, que foram universitários no Brasil nos anos 1980.

Excerto 1: Para muitas pessoas, mesmo professores universitários, a África era um país. “Ah, você veio de onde? Da África?” “Sim, da Guiné-Bissau.” “Ah, Guiné-Bissau, região da África.” Quer dizer, Guiné-Bissau pra eles é como Brasil, São Paulo, Santa Catarina, Rio de Janeiro.

Excerto 2: Porque a novela passa tudo de bom, o pobre vive bem, né? Mesmo dentro da favela, você vê aquela casa bonitinha, tal. Então tinha uma ideia, eu, pelo menos, tinha uma ideia de um Brasil... quer dizer, fantástico!

Extraídos do curta-metragem *Identidades em trânsito*, de Daniele Ellery e Márcio Câmara. Disponível em: <http://portacurtas.org.br>

A visão de alguns brasileiros sobre Guiné-Bissau, segundo um guineense (Excerto 1), assim como a de um outro guineense sobre o Brasil (Excerto 2) é

- a) idealizada.
- b) pessimista.



- c) equivocada.
- d) antropocêntrica.
- e) utilitarista.

Comentários: No excerto 1, o guineense afirma que os brasileiros não têm uma percepção verdadeira do continente africano: trata-se África como se fosse um país só e países africanos como se fossem estados. Denota desconhecimento dos brasileiros quanto à geografia e estrutura política do continente africano.

Já no excerto 2, o guineense afirma que no exterior há uma imagem do Brasil de um local onde tudo é fantástico, até mesmo em locais onde as condições de vida são mais difíceis, como favelas, por exemplo.

Assim, ambas as percepções são equivocadas. A alternativa correta é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois a percepção idealizada, ou seja, engrandecida da realidade, incide sobre a imagem do Brasil no exterior, mas não sobre a de Guiné-Bissau.

A alternativa B está incorreta, pois uma percepção “pessimista” seria “que só enxerga ou espera pelo pior”, e não há essa ideia em

A alternativa D está incorreta, pois “antropocentrismo” é a doutrina que determina que o ser humano está no centro de importância de todas as coisas, e essa ideia não aparece em nenhum dos dois excertos.

A alternativa E está incorreta, pois “utilitarista” é a postura de alguém que só dá valor àquilo que seja ou possa ser útil, e essa ideia de utilidade não aparece nos textos.

Gabarito: C

Texto para as questões 6, 7 e 8

Não há hoje no mundo, em qualquer domínio de atividade artística, um artista cuja arte contenha maior universalidade que a de Charles Chaplin. A razão vem de que o tipo de Carlito é uma dessas criações que, salvo idiosincrasias muito raras, interessam e agradam a toda a gente. Como os heróis das lendas populares ou as personagens das velhas farsas de mamulengo.

Carlito é popular no sentido mais alto da palavra. Não saiu completo e definitivo da cabeça de Chaplin: foi uma criação em que o artista procedeu por uma sucessão de tentativas e erradas.

Chaplin observava sobre o público o efeito de cada detalhe.



Um dos traços mais característicos da pessoa física de Carlito foi achado casual. Chaplin certa vez lembrou-se de arremedar a marcha desgovernada de um tabético. O público riu: estava fixado o andar habitual de Carlito.

O vestuário da personagem – fraquezinho humorístico, calças lambazonas, botinas escarrapachadas, cartolinha – também se fixou pelo consenso do público.

Certa vez que Carlito trocou por outras as botinas escarrapachadas e a clássica cartolinha, o público não achou graça: estava desapontado. Chaplin eliminou imediatamente a variante. Sentiu com o público que ela destruía a unidade física do tipo. Podia ser jocosa também, mas não era mais Carlito.

Note-se que essa indumentária, que vem dos primeiros filmes do artista, não contém nada de especialmente extravagante. Agrada por não sei quê de elegante que há no seu ridículo de miséria. Pode-se dizer que Carlito possui o dandismo do grotesco.

Não será exagero afirmar que toda a humanidade viva colaborou nas salas de cinema para a realização da personagem de Carlito, como ela aparece nessas estupendas obras-primas de *humour* que são *O Garoto*, *Ombro Arma*, *Em Busca do Ouro* e *O Circo*.

Isto por si só atestaria em Chaplin um extraordinário dom de discernimento psicológico. Não obstante, se não houvesse nele profundidade de pensamento, lirismo, ternura, seria levado por esse processo de criação à vulgaridade dos artistas medíocres que condescendem com o fácil gosto do público.

Aqui é que começa a genialidade de Chaplin. Descendo até o público, não só não se vulgarizou, mas ao contrário ganhou maior força de emoção e de poesia. A sua originalidade extremou-se. Ele soube isolar em seus dados pessoais, em sua inteligência e em sua sensibilidade de exceção, os elementos de irreduzível humanidade. Como se diz em linguagem matemática, pôs em evidência o fator comum de todas as expressões humanas. O olhar de Carlito, no filme *O Circo*, para a brioche do menino faz rir a criança como um gesto de gulodice engraçada. Para um adulto pode sugerir da maneira mais dramática todas as categorias do desejo. A sua arte simplificou-se ao mesmo tempo que se aprofundou e alargou. Cada espectador pode encontrar nela o que procura: o riso, a crítica, o lirismo ou ainda o contrário de tudo isso.

Essas reflexões me acudiram ao espírito ao ler umas linhas da entrevista fornecida a Florent Fels pelo pintor Pascin, búlgaro naturalizado americano. Pascin não gosta de Carlito e explicou que uma fita de Carlito nos Estados Unidos tem uma significação muito diversa da que lhe dão fora de lá. Nos Estados Unidos Carlito é o sujeito que não sabe fazer as coisas como todo mundo, que não sabe viver como os outros, não se acomoda em meio algum, –em suma um inadaptável. O espectador americano ri satisfeito de se sentir tão diferente daquele sonhador ridículo. É isto que faz o sucesso de Chaplin nos Estados Unidos. Carlito com as suas lamentáveis aventuras constitui ali uma lição de moral para educação da mocidade no sentido de preparar uma geração de homens hábeis, práticos e bem quaisquer!

Por mais ao par que se esteja do caráter prático do americano, do seu critério de sucesso para julgamento das ações humanas, do seu gosto pela standardização, não deixa de surpreender aquela interpretação moralista dos filmes de Chaplin. Bem examinadas as coisas, não havia motivo para surpresa. A interpretação cabe



perfeitamente dentro do tipo e mais: o americano bem verdadeiramente americano, o que veda a entrada do seu território a doentes e estropiados, o que propõe o pacto contra a guerra e ao mesmo tempo assalta a Nicarágua, não poderia sentir de outro modo.

Não importa, não será menos legítima a concepção contrária, tanto é verdade que tudo cabe na humanidade vasta de Carlito. Em vez de um fraco, de um pulha, de um inadaptável, posso eu interpretar Carlito como um herói. Carlito passa por todas as misérias sem lágrimas nem queixas. Não é força isto? Não perde a bondade apesar de todas as experiências, e no meio das maiores privações acha um jeito ⁵⁴ de amparar a outras criaturas em aperto. Isso é pulhice?

Aceita com estoicismo as piores situações, dorme onde é possível ou não dorme, come sola de sapato cozida como se se tratasse de alguma língua do Rio Grande. É um inadaptável?

Sem dúvida não sabe se adaptar às condições de sucesso na vida. Mas haverá sucesso que valha a força de ânimo do sujeito sem nada neste mundo, sem dinheiro, sem amores, sem teto, quando ele pode agitar a bengalinha como Carlito com um gesto de quem vai tirar a felicidade do nada? Quando um ajuntamento se forma nos filmes, os transeuntes vão parando e acercando-se do grupo com um ar de curiosidade interesseira. Todos têm uma fisionomia preocupada. Carlito é o único que está certo do , prazer ingênuo de olhar.

Neste sentido Carlito é um verdadeiro professor de heroísmo. Quem vive na solidão das grandes cidades não pode deixar de sentir intensamente o influxo da sua lição, e uma simpatia enorme nos prende ao boêmio nos seus gestos de aceitação tão simples.

Nada mais heroico, mais comovente do que a saída de Carlito no fim de *O Circo*. Partida a companhia, em cuja *troupe* seguia a menina que ele ajudara a casar com outro, Carlito por alguns momentos se senta no círculo que ficou como último vestígio do picadeiro, refletindo sobre os dias de barriga cheia e relativa felicidade sentimental que acabava de desfrutar. Agora está de novo sem nada e inteiramente só. Mas os minutos de fraqueza duram pouco. Carlito levanta-se, dá um puxão na casaquinha para recuperar a linha, faz um molinete com a bengalinha e sai campo afora sem olhar para trás. Não tem um vintém, não tem uma afeição, não tem onde dormir nem o que comer. No entanto vai como um conquistador pisando em terra nova. Parece que o Universo é dele. E não tenham dúvida: o Universo é dele.

Com efeito, Carlito é poeta.

Em: **Crônicas da Província do Brasil**. 1937.

idiosincrasia (Ref. 3): maneira de ser e de agir própria de cada pessoa.

mamulengo (Ref. 4): fantoche, boneco usado à mão em peças de teatro popular ou infantil.

tabético (Ref. 9): que tem andar desgovernado, sem muita firmeza.

dandismo (Ref. 18): relativo ao indivíduo que se veste e se comporta com elegância.

pulhice (Ref. 54): safadeza, canalhice.



estoicismo (Ref. 55): resignação com dignidade diante do sofrimento, da adversidade, do infortúnio.

molinete (Ref. 71): movimento giratório que se faz com a espada ou outro objeto semelhante.

6. (ITA/2014)

Considerando que o título pode antecipar para o leitor o tema central do texto, assinale a opção que apresenta o título mais adequado.

- a) A representatividade de Carlito em *O Circo*.
- b) O heroísmo de Carlito.
- c) As representações da vida real por Chaplin.
- d) A recepção dos filmes de Chaplin.
- e) A dualidade no personagem Carlito.

Comentários: Lembre-se que o título deve apresentar o tema de um texto. Dentre as opções, a que melhor se encaixa no tema do texto é “heroísmo” de Carlito. A ideia de que Carlito é um herói é referida indiretamente diversas vezes, mas principalmente no 16º parágrafo há a frase “Carlito é um verdadeiro professor de heroísmo”. Portanto a alternativa correta é alternativa B.

ATENÇÃO: já no primeiro parágrafo a ideia de heroísmo se apresenta em “Como os heróis das lendas populares (...)”. Lembre-se que nos primeiros parágrafos podem estar as principais informações para a interpretação.

A alternativa A está incorreta, pois o filme *O Circo* aparece apenas como um exemplo e não é o tema central da crônica.

A alternativa C está incorreta, pois Carlito não representa necessariamente a vida real, mas sim uma personagem.

A alternativa D está incorreta, pois a recepção dos filmes não são tema do texto, mas sim exemplos de como a personagem criada por Chaplin era vista por diferentes culturas.

A alternativa E está incorreta, pois não há reforço às dualidades da personagem como tema central do texto.

Gabarito: B

7. (ITA/2014)

Considere o enunciado “Carlito é popular no sentido mais alto da palavra” (Ref. 5) e as informações de todo o texto. Na visão de Bandeira, a popularidade pode ser explicada pelo fato de Carlito

- I. ser apresentado com indumentária elegante.
- II. ser responsável por atrair grande público para os cinemas.
- III. retratar o tipo heroico americano, que não quer ser considerado malsucedido.



IV. ter sido ajustado a partir das reações do público.

Está(ão) correta(s):

- a) apenas I e II.
- b) apenas I e III.
- c) apenas II e IV.
- d) apenas III e IV.
- e) todas.

Comentários:

O item I. está incorreto, pois a popularidade não está ligada às roupas elegantes. Bandeira descreve seus trajes como compostos de “fraquezinho humorístico, calças lambazonas, botinas escarrapachadas, cartolinha” (5º parágrafo).

O item II. está correto, pois a popularidade da personagem foi responsável pelo grande público nos cinemas.

O item III. está incorreto, pois Carlito representa a antítese do que o texto descreve como um herói americano.

O item IV. está correto, pois Bandeira descreve no início do texto que Carlito observava a reação do público para montar a personagem: “Chaplin observava sobre o público o efeito de cada detalhe.” (3º parágrafo)

Gabarito: C

8. (ITA/2014)

Segundo o texto, **herói** é aquele que

- a) comove as pessoas que o rodeiam.
- b) faz as pessoas levarem a vida de maneira leve.
- c) age de maneira corajosa e previsível.
- d) enfrenta as adversidades, ainda que tenha momentos de fraqueza.
- e) despreza o sucesso, embora o considere importante.

Comentários: O traço heroico de Carlito fica claro no penúltimo parágrafo, na descrição da cena final de O circo, em que Carlito “Agora está de novo sem nada e inteiramente só. Mas os minutos de fraqueza duram pouco.”. O herói, segundo o texto, é aquele que enfrenta as adversidades ainda que tenha momentos de fraqueza. Por isso, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois o heroísmo de Carlito não é associado ao efeito que provoca nas outras pessoas.



A alternativa B está incorreta, pois Carlito nem sempre expõe a vida com leveza, ainda que saiba lidar com ela com altivez.

A alternativa C está incorreta, pois não é a coragem ou previsibilidade que fazem da personagem heroica, mas sim sua postura diante das dificuldades.

A alternativa E está incorreta, pois não há referência ao tratamento que Carlito dá ao sucesso no texto.

Gabarito: D

Texto para as questões 9 e 10

Escravos da tecnologia

Não, não vou falar das fábricas que atraem trabalhadores honestos e os tratam de forma desumana. Cada vez que um produto informa orgulhoso que foi desenhado na Califórnia e fabricado na China, sinto um arrepio na espinha. Conheço e amo essas duas partes do mundo.

Também conheço a capacidade de a tecnologia eliminar empregos. Parece o sonho de todo patrão: muita margem de lucro e poucos empregados. Se possível, nenhum! Tudo terceiro!

Conheço ainda como a tecnologia é capaz de criar empregos. Vivo há 15 anos num meio que disputa engenheiros e técnicos a tapa, digo, a dólares. O que acontece aí no Brasil, nessa área, acontece igualzinho no Vale do Silício: empresas tentando arrancar talentos umas das outras. Aqui, muitos decidem tentar a sorte abrindo sua própria start-up, em vez de encher o bolso do patrão. Estou rodeada também de investidores querendo fazer apostas para... voltar a encher os bolsos ainda mais.

Mas queria falar hoje de outro tipo de escravidão tecnológica. Não dos que dormiram na rua sob chuva para comprar o novo iPhone 4S... Quero reclamar de quanto nós estamos tendo de trabalhar de graça para os sistemas, cada vez que tentamos nos mover na Internet. Isso é escravidão – e odeio isso.

Outro dia, fiz aniversário e fui reservar uma mesa num restaurante bacana da cidade. Achei o *site* do restaurante, lindo, e pareceu fácil de reservar *on-line*. *Call on* OpenTable, sistema bastante usado e eficaz por aqui. Escolhi dia, hora, informei número de pessoas e, claro, tive de dar meu nome, *e-mail* e telefone.

Dois dias antes da data marcada, precisei mudar o número de participantes, pois tive confirmação de mais pessoas. Entrei no *site*, mas aí nem o *site* nem o OpenTable podiam modificar a reserva *on-line*, pela proximidade do jantar. A recomendação era... telefonar ao restaurante! Humm... Telefonei. Secretária eletrônica. Deixei recado.

No dia seguinte um funcionário do restaurante me ligou, confirmando ter ouvido o recado e tudo certo com o novo tamanho da mesa. Incrível! Que felicidade ouvir um ser humano de verdade me dando a resposta que eu queria ouvir! Hoje, tentando dar conta da leitura dos vários *e-mails* que recebo, tentando arduamente não perder os relevantes, os imprescindíveis, os dos amigos, os da família e os dos leitores, recebi um do OpenTable.



Queriam que avaliasse minha experiência no restaurante. Tudo bem, concordo que *ranking* de público é coisa legal. Mas posso dizer outra coisa?

Não tenho tempo de ficar entrando em *sites* e preenchendo questionários de avaliação de cada refeição, produto e serviço que usufruo na vida! Simples assim! Sem falar que é chato! Ainda mais agora que os crescentes intermediários eletrônicos se metem no jogo entre o cliente e o fornecedor.

Quando o garçom ou o “maitre” perguntam se a comida está boa, você fica contente em responder, até porque eles podem substituir o prato se você não estiver gostando. Mas quando um terceiro se mete nessa relação sem ser chamado, pode ser excessivo e desagradável. Parece que todas as empresas do mundo decidiram que, além de exigir informações cadastrais, *logins* e senhas, e empurrar goela abaixo seus sistemas automáticos de atendimento, tenho agora de preencher fichas pós-venda eletronicamente, de modo que as estatísticas saiam prontas e baratinhas para eles do outro lado da tela, à custa do meu precioso tempo!

Por que o OpenTable tem de perguntar de novo o que achei da comida? Eu sei. Porque para o OpenTable essa informação tem um valor diferente. Não contente em fazer reservas, quis invadir a praia do Yelp, o grande guia local que lista e traz avaliações dos clientes para tudo quanto é tipo de serviço, a começar pelos restaurantes.

O Yelp, por sua vez, invadiu a praia do Zagat (recém-comprado pelo Google), tradicionalíssimo guia (em papel) de restaurantes, que, por décadas, foi alimentado pelas avaliações dos leitores, via correio. As relações cliente-fornecedor estão mudando. Não faltarão “redutores” de custos e atravessadores *on-line*.

Marion Strecker. **Folha de S. Paulo**, 20/10/2011. Texto adaptado.

(*) *Start-up*: Empresa com baixo custo de manutenção, que consegue crescer rapidamente e gerar grandes e crescentes lucros em condições de extrema incerteza.

9. (ITA/2013)

Assinale a opção em que no trecho selecionado **NÃO** se evidencia o recurso à linguagem figurada.

- Também conheço a capacidade de a tecnologia eliminar empregos.
- Vivo há 15 anos num meio que disputa engenheiros e técnicos a tapa, digo, a dólares.
- Aqui, muitos decidem tentar a sorte abrindo sua própria *start-up*, em vez de encher o bolso do patrão.
- Parece que todas as empresas do mundo decidiram que, além de exigir informações cadastrais, *logins* e senhas, e empurrar goela abaixo seus sistemas automáticos de atendimento, [...].
- Não contente em fazer reservas, quis invadir a praia do Yelp, o grande guia local que lista e traz avaliações dos clientes para tudo quanto é tipo de serviço, a começar pelos restaurantes.



Comentários: A única alternativa que não apresenta traços da opinião da autora é alternativa C, pois é apenas uma narração dos fatos que a levaram a ter outro contato com o restaurante.

As marcas de discurso subjetivo nas outras alternativas são:

Alternativa A, "Parece o sonho de todo patrão".

Alternativa B, "e odeio isso".

Alternativa D, "é coisa legal".

Alternativa E, "pode ser excessivo e desagradável".

Gabarito: A

10. (ITA/2013)

O aspecto da noção de *sistema* criticado no texto diz respeito

- a) à fabricação de produtos tecnológicos em mais de um país.
- b) ao uso de mecanismos computacionais para colher informações dos consumidores.
- c) aos mecanismos eletrônicos para fazer reservas.
- d) à forma como foram elaborados os guias Yelp e Zagat.
- e) à terceirização da fabricação de produtos e da prestação de serviços.

Comentários: A crítica do texto é acerca do colhimento de informações dos consumidores, fazendo com que o consumidor gere estatísticas para as empresas. Além disso, todos os processos demandam logins cheios de dados, o que demanda muito tempo do consumidor. Por isso, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois a fabricação de produtos tecnológicos em mais de um país é apenas um exemplo de fato que incomoda a autora, mas não é a crítica central do texto.

A alternativa C está incorreta, pois a crítica é a o recolhimento de dados na internet, não apenas aos mecanismos de reservas.

A alternativa D está incorreta, pois não há menção à elaboração dos guias, mas sim aos sistemas online.

A alternativa E está incorreta, pois o texto não se desenvolve em torno da forma como os produtos são produzidos, mas sim ao uso da internet.

Gabarito: B

11. (ITA/2013)

Nove em cada dez usuários de Internet recebem *spams* em seus *e-mails* corporativos, segundo estudo realizado pela empresa alemã Antispameurope, especializada em lixo eletrônico virtual. Cada trabalhador perde, em média, sete minutos



por dia limpando a caixa de mensagens, e essa quebra na produtividade custa € 828 – pouco mais de R\$ 2,3 mil – anuais às empresas.

Tomando-se como base os números apontados pela pesquisa, uma corporação de médio porte, com mil funcionários, perde, portanto, € 828 mil por ano – ou R\$ 2,3 milhões – com esta prática que é considerada, apesar de simplória, uma verdadeira praga da modernidade.

O *spam* remete às mensagens não-solicitadas enviadas em massa, geralmente utilizadas para fins comerciais, e pode de fato prejudicar consideravelmente a produtividade no ambiente de trabalho.

Um relatório da Symantec, empresa de segurança virtual, mostra que o Brasil é o segundo maior emissor de *spam* do mundo, com geração de 10% de todo o fluxo de mensagens indesejadas na rede mundial de computadores. Os campeões são os norte-americanos, com 26%. [...]

Rodrigo Capelo. <http://www.vocecommaistempo.com.br>.
Acesso em: 23/09/2012. Texto adaptado.

Um título que contempla o conteúdo abordado no texto é:

- a) Spam: Estados Unidos e Brasil lideram o ranking.
- b) Spam: preocupação de empresas europeias.
- c) Spam: perda de tempo e prejuízos financeiros.
- d) Spam: praga da modernidade.
- e) Spam: nova forma de propaganda.

Comentários: A ideia central do texto é a perda financeira que o trabalho de se livrar dos spams causa às empresas. A quebra de produtividade do funcionário representa uma perda de tempo que se converte em perda de dinheiro. Por isso, a alternativa que melhor aborda o conteúdo do texto é “Spam: perda de tempo e prejuízos financeiros”, alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois esse dado não representa a ideia central do texto, é apenas um dado a mais para a questão.

A alternativa B está incorreta, pois apesar de a empresa que fez a pesquisa ser alemã, não há como afirmar por isso que as empresas europeias se preocupem mais com o assunto.

A alternativa D está incorreta, pois não é possível presumir a partir do texto que o spam seja uma característica da modernidade a ponto de poder ser caracterizada uma praga.

A alternativa E está incorreta, pois o texto não versa sobre o conteúdo das mensagens, apenas sobre o tempo gasto pelos funcionários para apagar as mensagens.

Gabarito: C



12. (ITA/2011)

Véspera de um dos muitos feriados em 2009 e a insana tarefa de mover-se de um bairro a outro em São Paulo para uma reunião de trabalho. Claro que a cidade já tinha travado no meio da tarde. De táxi, pagaria uma fortuna para ficar parada e chegar atrasada, pois até as vias alternativas que os taxistas conhecem estavam entupidas. De ônibus, nem o corredor funcionaria, tomado pela fila dos mastodônticos veículos. Uma dádiva: eu não estava de carro. Com as pernas livres dos pedais do automóvel e um sapato baixo, nada como viver a liberdade de andar a pé. Carro já foi sinônimo de liberdade, mas não contava com o congestionamento.

Liberdade de verdade é trafegar entre os carros, e mesmo sem apostar corrida, observar que o automóvel na rua anda à mesma velocidade média que você na calçada. É quase como flunar. Sei, como motorista, que o mais irritante do trânsito é quando o pedestre naturalmente te ultrapassa. Enquanto você, no carro, gasta dinheiro para encher o ar de poluentes, esquentar o planeta e chegar atrasado às reuniões. E ainda há quem pegue congestionamento para andar de esteira na academia de ginástica.

Do Itaim ao Jardim Paulista, meia horinha de caminhada. Deu para ver que a Avenida Nove de Julho está cheia de mudas crescidas de pau-brasil. E mais uma porção de cenas que só andando a pé se pode observar. Até chegar ao compromisso pontualmente.

Claro que há pedras no meio do caminho dos pedestres, e muitas. Já foram inclusive objeto de teses acadêmicas. Uma delas, *Andar a pé: um modo de transporte para a cidade de São Paulo*, de Maria Ermelina Brosch Malatesta, sustenta que, apesar de ser a saída mais utilizada pela população nas atuais condições de esgotamento dos sistemas de mobilidade, o modo de transporte a pé é tratado de forma inadequada pelos responsáveis por administrar e planejar o município.

As maiores reclamações de quem usa o mais simples e barato meio de locomoção são os "obstáculos" que aparecem pelo caminho: bancas de camelôs, bancas de jornal, lixeira, postes. Além das calçadas estreitas, com buracos, degraus, desníveis. E o estacionamento de veículos nas calçadas, mais a entrada e a saída em guias rebaixadas, aponta o estudo.

Sem falar nas estatísticas: atropelamentos correspondem a 14% dos acidentes de trânsito. Se o acidente envolve vítimas fatais, o percentual sobe para nada menos que 50% – o que atesta a falta de investimento público no transporte a pé.

Na Região Metropolitana de São Paulo, as viagens a pé, com extensão mínima de 500 metros, correspondem a 34% do total de viagens. Percentual parecido com o de Londres, de 33%. Somadas aos 32% das viagens realizadas por transporte coletivo, que são iniciadas e concluídas por uma viagem a pé, perfazem o total de 66% das viagens! Um número bem desproporcional ao espaço destinado aos pedestres e ao investimento público destinado a eles, especialmente em uma cidade como São Paulo, onde o transporte individual motorizado tem a primazia.

A locomoção a pé acontece tanto nos locais de maior densidade – caso da área central, com registro de dois milhões de viagens a pé por dia –, como nas regiões mais distantes, onde são maiores as deficiências de transporte motorizado e o perfil de renda é menor. A maior parte das pessoas que andam a pé tem poder aquisitivo mais baixo.



Elas buscam alternativas para enfrentar a condução cara, desconfortável ou lotada, o ponto de ônibus ou estação distantes, a demora para a condução passar e a viagem demorada.

Já em bairros nobres, como Moema, Itaim e Jardins, por exemplo, é fácil ver carrões que saem das garagens para ir de uma esquina a outra e disputar improváveis vagas de estacionamento. A ideia é manter-se fechado em shoppings, boutiques, clubes, academias de ginástica, escolas, escritórios, porque o ambiente lá fora – o nosso meio ambiente urbano – dizem que é muito perigoso.

Amália Safatle. <http://terramagazine.terra.com.br>, 15/07/2009. Adaptado.

Do título do texto, *Meio ambiente urbano: o barato de andar a pé*, **NÃO** se pode depreender que andar a pé é mais

- I. prazeroso.
- II. econômico.
- III. divertido.
- IV. frequente.

Estão corretas

- a) apenas I e II.
- b) apenas I, II e III.
- c) apenas I e III e IV.
- d) apenas II e IV.
- e) apenas II, III e IV.

Comentários: O título brinca com três acepções da palavra “barato”, dependendo do contexto:

Em I., com valor de prazeroso. Ex.: A festa foi um barato = A festa foi muito boa.

Em II., com valor de econômico. Ex.: Esse lápis foi barato = Esse lápis custou pouco.

Em III., com valor de divertido. Ex.: Esse menino é um barato = Esse menino é divertido.

Gabarito: B

13. (ITA/2011)

São Paulo – Não é preciso muito para imaginar o dia em que a moça da rádio nos anunciará, do helicóptero, o colapso final: “A CET¹ já não registra a extensão do congestionamento urbano. Podemos ver daqui que todos os carros em todas as ruas



estão imobilizados. Ninguém anda, para frente ou para trás. A cidade, enfim, parou. As autoridades pedem calma, muita calma”.

“A autoestrada do Sul” é um conto extraordinário de Julio Cortázar². Está em *Todos os fogos o fogo*, de 1966 (a Civilização Brasileira traduziu). Narra, com monotonia infernal, um congestionamento entre Fontainebleau e Paris. É a história que inspirou *Weekend à francesa* (1967), de Godard³.

O que no início parece um transtorno corriqueiro vai assumindo contornos absurdos. Os personagens passam horas, mais horas, dias inteiros entalados na estrada.

Quando, sem explicações, o nó desata, os motoristas aceleram “sem que já se soubesse para que tanta pressa, por que essa correria na noite entre automóveis desconhecidos onde ninguém sabia nada sobre os outros, onde todos olhavam para a frente, exclusivamente para a frente”.

Não serve de consolo, mas faz pensar. Seguimos às cegas em frente há quanto tempo? De Prestes Maia aos túneis e viadutos de Maluf, a cidade foi induzida a andar de carro. Nossa urbanização se fez contra o transporte público. O símbolo modernizador da era JK é o pesadelo de agora, mas o fetiche da lata sobre rodas jamais se abalou.

Será ocasional que os carrões dos endinheirados – essas peruas high-tech – se pareçam com tanques de guerra? As pessoas saem de casa dentro de bunkers, literalmente armadas. E, como um dos tipos do conto de Cortázar, veem no engarrafamento uma “afronta pessoal”.

Alguém acredita em soluções sem que haja antes um colapso? Ontem era a crise aérea, amanhã será outra qualquer. A classe média necessita reciclar suas aflições. E sempre haverá algo a lembrá-la – coisa mais chata – de que ainda vivemos no Brasil.

SILVA, Fernando de Barros. **Folha de S. Paulo**, 17/03/2008.

(1) CET – Companhia de Engenharia de Tráfego.

(2) Julio Cortázar (1914-1984), escritor argentino.

(3) Jean-Luc Godard, cineasta francês, nascido em 1930.

Assinale a opção em que o autor expressa claramente seu julgamento.

- a) Podemos ver daqui que todos os carros em todas as ruas estão imobilizados.
- b) A cidade, enfim, parou.
- c) Os personagens passam horas, mais horas, dias inteiros entalados na estrada.
- d) Ontem era a crise aérea, amanhã será outra qualquer.
- e) E sempre haverá algo a lembrá-la – coisa mais chata – de que ainda vivemos no Brasil.

Comentários: Normalmente, opiniões e julgamentos explícitos em textos aparecem por meio de marcas de oralidade e uso de adjetivos. O trecho que melhor expressa uma opinião do autor é “E sempre haverá algo a lembrá-la – coisa mais chata – de que ainda vivemos no Brasil”. “coisa mais chata” é uma digressão do autor que expressa sua opinião



sobre o assunto “que chato sempre haver algo para lembrar à classe média que ela ainda vive no Brasil”. Por isso, a alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois aqui o autor faz uso da 1ª pessoa do plural, mas isso não significa necessariamente a opinião dele: ele está descrevendo o que vê.

A alternativa B está incorreta, pois o “enfim” é um recurso narrativo dramático, denotando que após uma série de eventos a cidade acabou por parar.

A alternativa C está incorreta, pois há aqui o uso da gradação, ou seja, de uma escalada que vai de “horas” a “dias” para garantir dramaticidade à ideia de trânsito.

A alternativa D está incorreta, pois aqui o autor faz uma constatação que independe de sua opinião: haverá uma nova crise, pois é assim que as coisas têm operado. Não depende do que achamos sobre o assunto.

Gabarito: E

14. (ITA/2010)

Foi tão grande e variado o número de e-mails, telefonemas e abordagens pessoais que recebi depois de escrever que família deveria ser careta, que resolvi voltar ao assunto, para alegria dos que gostaram e náusea dos que não concordaram ou não entenderam (ai da unanimidade, mãe dos medíocres). Atenção: na minha coluna não usei “carea” como quadrado, estreito, alienado, fiscalizador e moralista, mas humano, aberto, atento, cuidadoso. Obviamente empreguei esse termo de propósito, para enfatizar o que desejava.

Houve quem dissesse que minha posição naquele artigo é politicamente conservadora demais. Pensei em responder que minha opinião sobre família nada tem a ver com postura política, eu que me considero um animal apolítico no sentido de partido ou de conceitos superados, como “a esquerda é inteligente e boa, a direita é grossa e arrogante”. Mas, na verdade, tudo o que fazemos, até a forma como nos vestimos e moramos, é altamente político, no sentido amplo de interesse no justo e no bom, e coerência com isso.

E assim, sem me pensar de direita ou de esquerda, por ser interessada na minha comunidade, no meu país, no outro em geral, em tudo o que faço e escrevo (também na ficção), mostro que sou pelos desvalidos. Não apenas no sentido econômico, mas emocional e psíquico: os sem autoestima, sem amor, sem sentido de vida, sem esperança e sem projetos.

O que tem isso a ver com minha ideia de família? Tem a ver, porque é nela que tudo começa, embora não seja restrito a ela. Pois muito se confunde família frouxa (o que significa sem atenção), descuidada (o que significa sem amor), desorganizada (o que significa aflição estéril) com o politicamente correto. Diga-se de passagem que acho o politicamente correto burro e fascista.

Voltando à família: acredito profundamente que ter filho é ser responsável, que educar filho é observar, apoiar, dar colo de mãe e ombro de pai, quando preciso. E é também deixar aquele ser humano crescer e desabrochar. Não solto, não desorientado e desamparado, mas amado com verdade e sensatez. Respeitado e cuidado, num



equilíbrio amoroso dessas duas coisas. Vão me perguntar o que é esse equilíbrio, e terei de responder que cada um sabe o que é, ou sabe qual é seu equilíbrio possível. Quem não souber que não tenha filhos.

Também me perguntaram se nunca se justifica revirar gavetas e mexer em bolsos de adolescentes. Eventualmente, quando há suspeita séria de perigos como drogas, a relação familiar pode virar um campo de graves conflitos, e muita coisa antes impensável passa a se justificar. Deixar inteiramente à vontade um filho com problema de drogas é trágica omissão.

Assim como não considero bons pais ou mães os cobradores ou policiaiscos, também não acho que os do tipo “amiguinho” sejam muito bons pais. Repito: pais que não sabem onde estão seus filhos de 12 ou 14 anos, que nunca se interessaram pelo que acontece nas festinhas (mesmo infantis), que não conhecem nomes de amigos ou da família com quem seus filhos passam fins de semana (não me refiro a nomes importantes, mas a seres humanos confiáveis), que nada sabem de sua vida escolar, estão sendo tragicamente irresponsáveis. Pais que não arranjam tempo para estar com os filhos, para saber deles, para conversar com eles... não tenham filhos. Pois, na hora da angústia, não são os amiguinhos que vão orientá-los e ampará-los, mas o pai e a mãe – se tiverem cacife. O que inclui risco, perplexidade, medo, consciência de não sermos infalíveis nem onipotentes. Perdoem-me os pais que se queixam (são tantos!) de que os filhos são um fardo, de que falta tempo, falta dinheiro, falta paciência e falta entendimento do que se passa – receio que o fardo, o obstáculo e o estorvo a um crescimento saudável dos filhos sejam eles.

Mães que se orgulham de vestir a roupeta da filha adolescente, de frequentar os mesmos lugares e até de conquistar os colegas delas são patéticas. Pais que se consideram parceiros apenas porque bancam os garotões, idem. Nada melhor do que uma casa onde se escutam risadas e se curte estar junto, onde reina a liberdade possível. Nada pior do que a falta de uma autoridade amorosa e firme.

O tema é controverso, mas o bom senso, meio fora de moda, é mais importante do que livros e revistas com receitas de como criar filho (como agarrar seu homem, como enlouquecer sua amante...). É no velhíssimo instinto, na observação atenta e na escuta interessada que resta a esperança. Se não podemos evitar desgraças – porque não somos deuses –, é possível preparar melhor esses que amamos para enfrentar seus naturais conflitos, fazendo melhores escolhas vida afora.

Lya Luft. **Veja**, 06/06/2007.

Pode-se perceber conotação pejorativa em

- Houve quem dissesse que minha posição naquele artigo é politicamente conservadora demais.
- Quem não souber que não tenha filhos.
- Também me perguntaram se nunca se justifica revirar gavetas e mexer em bolsos de adolescentes.
- Pois, na hora da angústia, não são os amiguinhos que vão orientá-los e ampará-los, mas o pai e a mãe – se tiverem cacife.



e) O que inclui risco, perplexidade, medo, consciência de não sermos infalíveis nem onipotentes.

Comentários: “conotação pejorativa” significa “conotação negativa”. O uso do diminutivo em “amiguinhos” no trecho “não são os amiguinhos que vão orientá-los e ampará-los” denota desprezo pelos amigos a que o trecho se refere. Por isso, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois esse trecho apenas aponta um comentário que a autora do texto recebeu acerca de seu artigo, não há conotação pejorativa.

A alternativa B está incorreta, pois apesar de agressiva, a oração não é negativa, apenas direta.

A alternativa C está incorreta, pois o trecho é simplesmente um relato da autora sobre perguntas que lhe foram feitas, sem sentido negativo implícito.

A alternativa E está incorreta, pois há aqui uma enumeração de sentimentos, mas não há conotação pejorativa.

Gabarito: D

15. (ITA/2006)

A Daslu e o shopping-bunker

A nova Daslu é o assunto preferido das conversas em São Paulo. Os ricos se entusiasma com a criação de um local tão exclusivo e cheio de roupas e objetos sofisticados e internacionais. Os pequeno-burgueses praguejam contra a iniciativa, indignados com tanta ostentação.

Antes instalada num conjunto de casas na Vila Nova Conceição, região de classe alta, a loja que vende **as grifes** mais famosas e caras do mundo passará agora a funcionar num prédio monumental construído no bairro “nouveau riche” da Vila Olímpia e ao lado do infelizmente pútrido e mal cheiroso rio Pinheiros.

A imprensa aproveita a mudança da Daslu para discorrer sobre as vantagens de uma vida luxuosa e exibir fotos exclusivas do interior da megaloja de quatro andares e seus salões labirínticos, onde praticamente não há corredores, pois, como diz a dona da loja, a ideia é que o consumidor se sinta em sua casa.

Estranha casa, **deve-se dizer**. Para entrar nela é preciso fazer uma carteira de sócio, depois de deixar o carro num estacionamento que custa R\$ 30,00 (a primeira hora). Obviamente, tudo isso tem por objetivo selecionar os consumidores e intimidar os pouco afortunados – os mesmos que, ao se aventurar na antiga loja, reclamavam da indiferença das vendedoras, as dasluzetes, muito mais solícitas com aqueles que elas já conheciam ou que demonstravam **de cara** seu poder de compra.

As complicações na portaria visam também, embora não se diga com clareza, a proteger o local e dar segurança aos milionários de todo o país que certamente farão da nova Daslu um de seus “points” durante a estada em São Paulo, como já ocorria com a



antiga casa. A segurança é um item cada vez mais prioritário nos negócios hoje em dia - antes mesmo da inauguração, a loja teve um de seus caminhões de mudança roubado.

As formalidades na entrada levam ainda em conta a privacidade do local de quase 20 mil metros quadrados, não muito longe da favela Coliseu (sic). A reportagem de um site calculou, por falar nisso, que a soma da renda mensal de todas as famílias da favela (R\$ 10.725, segundo o IBGE) daria para comprar apenas duas calças Dolce & Gabbana na loja.

Tais fatores, digamos assim, **sinistros** da realidade brasileira é que impulsionam o pioneirismo da nova Daslu. Sim, a loja é uma empreitada verdadeiramente inédita. A Daslu, que desenvolveu no Brasil um certo tipo de atendimento exclusivo e personalizado para ricos, agora introduz, pela primeira vez no mundo, o modelo do shopping-bunker.

Todos sabem como os shopping centers floresceram em São Paulo e nas capitais brasileiras, tanto pelas facilidades que propiciam para **a gente** que vive nos centros urbanos congestionados e tumultuados, quanto pela segurança. Ao longo dos anos, eles foram surgindo aqui e ali, alterando a sociabilidade e a paisagem das cidades. Acabaram se transformando em uma espécie de praça (fechada), onde as classes alta e média podiam circular com tranquilidade, sem serem importunadas pela visão e a presença dos numerosos pobres e miseráveis, que, por sua vez, ocuparam as praças públicas (abertas), como a da República e a da Sé, em São Paulo. Dentro dos shoppings, os brasileiros sonhamos um mundo de riqueza, organização, limpeza, segurança, facilidades e sobretudo de distinção que lá fora, nas ruas, está agora longe de existir.

Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista. A cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos. [...]

<http://www1.folha.uol.com.br>, por Alcino Leite Neto. Consulta em 08/07/2005.

No texto, predomina a linguagem formal. No entanto, podem-se perceber nele algumas marcas de linguagem coloquial, como no trecho destacado em:

- a) as grifes.
- b) deve-se dizer.
- c) de cara.
- d) sinistros.
- e) a gente.

Comentários: A única alternativa que conta com linguagem coloquial é “de cara”, expressão que significa “imediatamente”. Para que não houvesse marca de oralidade seria necessário reescrever a oração como “que demonstravam **imediatamente** seu poder de compra”, por exemplo.



A alternativa A está incorreta, pois observando-se o trecho inteiro “a loja que vende **as grifes** mais famosas e caras do mundo” percebe-se que o termo destacado não está empregado de maneira coloquial.

A alternativa B está incorreta, pois observando-se o trecho inteiro “Estranha casa, **deve-se dizer**” percebe-se que o termo destacado não está empregado de maneira coloquial: o pronome “se” está colocado na posição correta. Veremos esse assunto melhor na aula de morfossintaxe.

A alternativa D está incorreta, pois observando-se o trecho inteiro “Tais fatores, digamos assim, **sinistros** da realidade brasileira” percebe-se que o termo destacado não está empregado de maneira coloquial. Se o trecho destacado fosse “digamos assim”, porém, seria possível dizer que há marca de coloquialidade.

A alternativa E está incorreta, pois observando-se o trecho inteiro “facilidades que propiciam para **a gente** que vive nos centros urbanos” percebe-se que o termo destacado não está empregado de maneira coloquial. ATENÇÃO: “a gente” aqui não é sinônimo de “nós”, mas sim de “as pessoas”.

Gabarito: C

Texto para as questões 16 e 17:

EXAUSTO

Eu quero uma licença de dormir,
 perdão pra descansar horas a fio,
 sem ao menos sonhar
 a leve palha de um pequeno sonho.
 Quero o que antes da vida
 foi o sono profundo das espécies,
 a graça de um estado.
 Semente.
 Muito mais que raízes.

PRADO, Adélia. **Exausto**. Disponível em <<http://byluleoa-tecendopalavras.blogspot.com.br/>>.

Acesso em 31/07/17.

16. (IME/2018)

O vocábulo raízes (verso 9) se contrapõe a

- a) semente
- b) palha de um pequeno sonho.
- c) horas a fio.



- d) licença
- e) perdão

Comentários: Há dois modos de responder a essa questão:

- - A construção “Semente. Muito mais que raízes.” Já denota que “semente” e “raízes” são opostos, já que são contrapostos pela expressão “muito mais”.
- - Uma semente é uma ideia em potencial, ou seja, ela contém dentro de si possibilidades de crescimento e surgimento de uma planta; já uma raiz é algo estabelecido, fixado, seguro. São significados opostos: o que pode vir a ser algo e o que já é algo.

De todo modo, a alternativa que apresenta vocábulo oposto a raízes é “semente”, alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois “palha de um pequeno sonho” é o desejo da voz poética: dormir tão pesado sem sequer sonhar. Não se opõe à ideia de raízes.

A alternativa C está incorreta, pois “horas a fio” é a duração que a voz poética deseja descansar: horas a fio é uma expressão para “muitas horas”. Não se opõe à ideia de raízes.

A alternativa D está incorreta, pois “licença” é um sinônimo para “autorização”, não se opõe à ideia de raízes.

A alternativa E está incorreta, pois “perdão” é um sinônimo contextual para “autorização”. Aqui significa que a voz poética quer autorização para descansar. Não se opõe à ideia de raízes.

Gabarito: A

17. (IME/2018)

Qual das palavras a seguir substituindo a palavra semente no verso 8, acarretaria mudança de sentido?

- a) origem
- b) grão
- c) princípio
- d) vida
- e) início

Comentários: Uma semente é uma ideia em potencial, ou seja, ela contém dentro de si possibilidades de crescimento e surgimento de uma planta. Uma semente **não é uma vida. Ela é uma vida em potencial, ou seja, pode vir a ser uma vida.** Portanto, a alternativa que apresenta incorreção é alternativa D.

Ela pode ser sinônimo de diversas ideias:



Segundo a alternativa A: "origem". A planta se origina de uma semente, portanto, podem ser considerados sinônimos.

Segundo a alternativa B: "grão". A semente de fato é um grão que abriga a planta em formação.

Segundo a alternativa C: "princípio". O princípio do processo de crescimento de uma planta começa na semente.

Segundo a alternativa E: "início". Assim como em C, o início do processo de crescimento de uma planta começa na semente.

Gabarito: D

18. (IME/2016)

CONSUMIDORES COM MAIS ACESSO À INFORMAÇÃO QUESTIONAM A VERDADE QUE LHE É VENDIDA

Ênio Rodrigo

Se você é mulher, talvez já tenha observado com mais atenção como a publicidade de produtos de beleza, especialmente os voltados a tratamentos de rejuvenescimento, usualmente possuem novíssimos "componentes anti-idade" e "microcápsulas" que ajudam "a sua pele a ter mais firmeza em oito dias", por exemplo, ou mesmo que determinados organismos "vivos" (mesmo depois de envazados, transportados e acondicionados em prateleiras com pouco controle de temperatura) fervilham aos milhões dentro de um vasilhame esperando para serem ingeridos ajudando a regular sua flora intestinal. Homens, crianças, e todo tipo de público também não estão fora do alcance desse discurso que utiliza um recurso cada vez mais presente na publicidade: a ciência e a tecnologia como argumento de venda.

Silvania Sousa do Nascimento, doutora em didática da ciência e tecnologia pela Universidade Paris VI e professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), enxerga nesse processo um resquício da visão positivista, na qual a ciência pode ser entendida como verdade absoluta. "A visão de que a ciência é a baliza ética da verdade e o mito do cientista como gênio criador é amplamente difundida, mas entra, cada vez mais, em atrito com a realidade, principalmente em uma sociedade informacional, como a nossa", acrescenta.

Para entender esse processo numa sociedade pautada na dinâmica da informação, Ricardo Cavallini, consultor corporativo e autor do livro *O marketing depois de amanhã* (Universo dos Livros, 2007), afirma que, primeiramente, devemos repensar a noção de público específico ou senso comum. "Essas categorizações estão sendo postas de lado. A publicidade contemporânea trata com pessoas e elas têm cada vez mais acesso à informação e é assim que vejo a comunicação: com fronteiras menos marcadas e deixando de lado o paradigma de que o público é passivo", acredita. Silvania concorda e diz que a sociedade começa a perceber que a verdade suprema é estanque, não condiz com o dia-a-dia. "Ao se depararem com uma informação, as pessoas começam a



pesquisar e isso as aproxima do fazer científico, ou seja, de que a verdade é questionável", enfatiza.

Para a professora da UFMG, isso cria o "jornalista contínuo", um indivíduo que põe a verdade à prova o tempo todo. "A noção de ciência atual é a de verdade em construção, ou seja, de que determinados produtos ou processos imediatamente anteriores à ação atual, são defasados".

Cavallini considera que as três linhas de pensamento possíveis que poderiam explicar a utilização do recurso da imagem científica para vender: a quantidade de informação que a ciência pode agregar a um produto; o quanto essa informação pode ser usada como diferencial na concorrência entre produtos similares; e a ciência como um selo de qualidade ou garantia. Ele cita o caso dos chamados produtos "verdes", associados a determinadas características com viés ecológico ou produtos que precisam de algum tipo de "auditoria" para comprovarem seu discurso. "Na mídia, a ciência entra como mecanismo de validação, criando uma marca de avanço tecnológico, mesmo que por pouquíssimo tempo", finaliza Silvania.

O fascínio por determinados temas científicos segue a lógica da saturação do termo, ou seja, ecoar algo que já esteja exercendo certo fascínio na sociedade. "O interesse do público muda bastante e a publicidade se aproveita desses temas que estão na mídia para recriá-los a partir de um jogo de sedução com a linguagem" diz Cristina Bruzzo, pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e que acompanhou a apropriação da imagem da molécula de DNA pelas mídias (inclusive publicidade). "A imagem do DNA, por exemplo, foi acrescida de diversos sentidos, que não o sentido original para a ciência, e transformado em discurso de venda de diversos produtos", diz.

Onde estão os dados comprovando as afirmações científicas, no entanto? De acordo com Eduardo Corrêa, do Conselho Nacional de Auto Regulamentação Publicitária (Conar) os anúncios, antes de serem veiculados com qualquer informação de cunho científico, devem trazer os registros de comprovação das pesquisas em órgãos competentes. Segundo ele, o Conar não tem o papel de avaliar metodologias ou resultados, o que fica a cargo do Ministério da Saúde, Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) ou outros órgãos. "O consumidor pode pedir uma revisão ou confirmação científica dos dados apresentados, contudo em 99% dos casos esses certificados são garantia de qualidade. Se surgirem dúvidas, quanto a dados numéricos de pesquisas de opinião pública, temos analistas no Conar que podem dar seus pareceres", esclarece Corrêa. Mesmo assim, de acordo com ele, os processos investigatórios são raríssimos.

RODRIGO, Enio. Ciência e cultura na publicidade. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252009000100006&script=sci_arttext>. Acesso em 22/04/2015.

Acerca do vocábulo "categorizações" (3º parágrafo) e da expressão "marca de avanço tecnológico, mesmo que por pouquíssimo tempo" (5º parágrafo), podemos afirmar que



- I. o vocábulo “categorizações” refere-se a “componentes anti-idade” e “microcápsulas que ajudam a sua pele a ter mais firmeza em oito dias”.
- II. a expressão “marca de avanço tecnológico, mesmo que por pouquíssimo tempo” traz a ideia de verdade questionável.
- III. o vocábulo “categorizações” retoma as noções de “público específico” e “senso comum”.

Marque a opção correta:

- a) I apenas.
- b) II apenas.
- c) II e III
- d) I e II
- e) III apenas.

Comentários:

O item I. está incorreto, pois o contexto em que “categorizações” aparece é “devemos repensar a noção de público específico ou senso comum. ‘Essas categorizações estão sendo postas de lado’.”. esse vocábulo, portanto, retoma “público específico” e “senso comum”.

O item II. está correto, pois o texto afirma que a publicidade usa da ideia de “verdade científica” para garantir aparência mais fidedigna à seu produto. A ciência valida a informação da propaganda.

O item III. está correto pelo exposto no item I.: observando-se o contexto, percebe-se que esse vocábulo, portanto, retoma “público específico” e “senso comum”.

Gabarito: C

19. (IME/2014)

Poesia Matemática

Millôr Fernandes

- ¹ Às folhas tantas
- ² do livro matemático
- ³ um Quociente apaixonou-se
- ⁴ um dia
- ⁵ doidamente
- ⁶ por uma Incógnita.
- ⁷ Olhou-a com seu olhar inumerável
- ⁸ e viu-a do ápice __ base
- ⁹ uma figura ímpar;
- ¹⁰ olhos romboides, boca trapezoide,
- ¹¹ corpo retangular, seios esferoides.

- ¹² Fez de sua uma vida
- ¹³ paralela à dela
- ¹⁴ até que se encontraram
- ¹⁵ no infinito.
- ¹⁶ “Quem és tu?”, indagou ele
- ¹⁷ em ânsia radical.
- ¹⁸ “Sou a soma do quadrado dos catetos.
- ¹⁹ Mas pode me chamar de Hipotenusa.”
- ²⁰ E de falarem descobriram que eram
- ²¹ (o que em aritmética corresponde
- ²² a almas irmãs)



- ²³ primos entre si.
²⁴ E assim se amaram
²⁵ ao quadrado da velocidade da luz
²⁶ numa sexta potenciação
²⁷ traçando
²⁸ ao sabor do momento
²⁹ e da paixão
³⁰ retas, curvas, círculos e linhas senoidais
³¹ nos jardins da quarta dimensão.
³² Escandalizaram os ortodoxos das fórmulas euclidianas
³³ e os exegetas do Universo Finito.
³⁴ Romperam convenções newtonianas e pitagóricas.
³⁵ E enfim resolveram se casar
³⁶ constituir um lar,
³⁷ mais que um lar,
³⁸ um perpendicular.
³⁹ Convidaram para padrinhos
⁴⁰ o Poliedro e a Bissetriz.
⁴¹ E fizeram planos, equações e diagramas para o futuro
⁴² sonhando com uma felicidade
⁴³ integral e diferencial.
⁴⁴ E se casaram e tiveram uma secante e três cones
- ⁴⁵ muito engraçadinhos.
⁴⁶ E foram felizes
⁴⁷ até aquele dia
⁴⁸ em que tudo vira afinal
⁴⁹ monotonia.
⁵⁰ Foi então que surgiu
⁵¹ O Máximo Divisor Comum
⁵² frequentador de círculos concêntricos,
⁵³ viciosos.
⁵⁴ Ofereceu-lhe, a ela,
⁵⁵ uma grandeza absoluta
⁵⁶ e reduziu-a a um denominador comum.
⁵⁷ Ele, Quociente, percebeu
⁵⁸ que com ela não formava mais um todo,
⁵⁹ uma unidade.
⁶⁰ Era o triângulo,
⁶¹ tanto chamado amoroso.
⁶² Desse problema ela era uma fração,
⁶³ a mais ordinária.
⁶⁴ Mas foi então que Einstein descobriu a Relatividade
⁶⁵ e tudo que era espúrio passou a ser
⁶⁶ moralidade
⁶⁷ como aliás em qualquer
⁶⁸ sociedade.

RELEITURAS. Poesia matemática. Disponível em: <http://www.releituras.com/millor_poesia.asp>. Acesso em 09/05/2013.

Assinale a opção que apresenta o par de definições adequadas às palavras “ortodoxos” (v. 32) e “espúrio” (v. 65), respectivamente.

- a) Que segue rigorosamente uma tradição ou norma; ilegítimo.
- b) Que se atém à geometria; falso.
- c) Que respeita os princípios matemáticos básicos; autêntico.
- d) Que prefere a matemática às letras; desonesto.
- e) Que se atém à lei e ao padrão; genuíno.

Comentários: Esse é o tipo de questão que pode ser resolvido tanto pelo seu vocabulário quanto pelo contexto.

O contexto em que “**ortodoxos**” aparece é “Escandalizaram os ortodoxos das fórmulas euclidianas e os exegetas do Universo Finito”. Se essas personagens são ligadas



a fórmulas e se escandalizam, ou seja, se chocam, com uma ação, então elas são algo como **“tradicionais”** ou **“conservadoras”**.

O contexto em que **“espúrio”** aparece é “Mas foi então que Einstein descobriu a Relatividade e tudo que era espúrio passou a ser moralidade”. A brincadeira com as palavras aqui é que depois de Einstein tudo se tornou relativo. Se o que antes era espúrio se tornou moral e “moral” é algo dentro da norma e da legitimidade, então espúrio significa **“errado”** ou **“ilegítimo”**.

Assim, a alternativa correta é alternativa A:

- Ortodoxos – Que segue rigorosamente uma tradição ou norma
- Espúrio – ilegítimo.

Gabarito: A

20. (IME/2009)

Imigração Japonesa no Brasil

A abolição da escravidão no Brasil em 1888 dá novo impulso à vinda de imigrantes europeus, cujo início se deu com os alemães em 1824. Em 1895 é assinado o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o Brasil e o Japão.

Com 781 japoneses a bordo, o navio Kasato-maru aporta em Santos. De lá eles são transportados para a hospedaria dos imigrantes, em São Paulo.

Na cafeicultura, a imigração começa com péssimos resultados. Um ano após a chegada ao Brasil, dos 781 imigrantes, apenas 191 permaneceram nos locais de trabalho. A maioria estava em São Paulo, Santos e Argentina. Apesar disso, a imigração continua com a chegada da segunda leva de imigrantes em 1910.

Em 1952 é assinado o Tratado de Paz entre o Brasil e o Japão. Nova leva de imigrantes chega ao Brasil para trabalhar nas fazendas administradas pelos japoneses. Grupo de jovens que imigra através da Cooperativa de Cotia recebe o nome de Cotia Seinen. O primeiro grupo chega em 1955.

O crescimento industrial no Japão e o período que foi chamado de “milagre econômico brasileiro” dão origem a grandes investimentos japoneses no Brasil. Os nisseis acabam sendo uma ponte entre os novos japoneses e os brasileiros.

As famílias agrícolas estabelecidas no Brasil passaram a procurar novas oportunidades e buscavam novos espaços para seus filhos. O grande esforço familiar para o estudo de seus filhos faz com que grande número de nisseis ocupe vagas nas melhores universidades do país.

Mais tarde, com o rápido crescimento econômico no Japão, as indústrias japonesas foram obrigadas a contratar mão-de-obra estrangeira para os trabalhos mais pesados ou repetitivos. Disso, resultou o movimento “dekassegui” por volta de 1985, que foi aumentando, no Brasil, à medida que os planos econômicos fracassavam. Parte da família, cujos ascendentes eram japoneses, deixava o Brasil como “dekassegui”, enquanto a outra permanecia para prosseguir os estudos ou administrar os negócios. Isso ocasionou problemas sociais, tanto por parte daqueles que não se adaptaram à nova



realidade, como daqueles que foram abandonados pelos seus entes e até perderam contato.

Com o passar dos anos, surgiram muitas empresas especializadas em agenciar os “dekasseguis”, como também firmas comerciais no Japão que visaram especificamente o público brasileiro. Em algumas cidades japonesas formaram-se verdadeiras colônias de brasileiros.

Disponível em www.culturajaponesa.com.br (texto adaptado). Acesso em: 29 ago 2008.

De acordo com o texto, “dekassegui” significa:

- a) descendentes de japoneses nascidos no Brasil que deixavam sua família em terras brasileiras para trabalhar no Japão.
- b) integrantes da família japonesa que permaneciam no Brasil para prosseguir os estudos e administrar os negócios.
- c) universitários brasileiros descendentes de japoneses que voltaram ao Japão para o trabalho pesado.
- d) nisseis de famílias agrícolas que procuravam novas oportunidades em países estrangeiros.
- e) Cotia Seinen que imigrava através da Cooperativa de Cotia.

Comentários:

O contexto em que essa expressão aparece é “Mais tarde, com o rápido crescimento econômico no Japão, **as indústrias japonesas foram obrigadas a contratar mão-de-obra estrangeira para os trabalhos mais pesados ou repetitivos.** Disso, resultou o movimento “dekassegui” por volta de 1985, que foi aumentando, no Brasil, à medida que os planos econômicos fracassavam. **Parte da família, cujos ascendentes eram japoneses, deixava o Brasil como “dekassegui”,** enquanto a outra permanecia para prosseguir os estudos ou administrar os negócios.”.

Ou seja, “dekassegui” significa descendentes de japoneses nascidos no Brasil que deixavam sua família em terras brasileiras para trabalhar no Japão. A alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois segundo o contexto em que aparece a palavra, é justamente o contrário: são as pessoas que deixam o Brasil para trabalhar no Japão.

A alternativa C está incorreta, pois segundo o contexto em que aparece a palavra, quem vai para o Japão trabalhar são as pessoas que não ficaram para estudar.

A alternativa D está incorreta, pois segundo o contexto em que aparece a palavra, não se pode presumir que sejam apenas os filhos de famílias agrícolas que deixam o país.

A alternativa E está incorreta, pois segundo o texto, esse movimento “Cotia Seinen” ocorreu nos anos 1950.

Gabarito: A



6 Considerações finais

Como vimos, o vocabulário é uma parte muito importante, dado que ele pode ajudar você a responder mais rapidamente uma questão e lembre-se sempre: agilidade é essencial numa prova com tantos detalhes. Ganhar tempo em português para fazer as questões de exatas mais calmamente pode ser um diferencial.

Na próxima aula, vamos ver mais um assunto introdutório: conhecimentos básicos para interpretação de texto. Veremos então:

Veremos então:

- Gêneros textuais.
- Níveis de significação do texto.
- Variação linguística.
- Tipos de discurso.
- Funções da linguagem.

Até lá, faça exercícios e procure tentar criar o hábito de ler nos mais diversos meios para treinar bastante!

Qualquer dúvida estou à disposição no fórum ou nas redes sociais.

Prof. Wagner Santos



Professor Wagner
Santos



@wagnerliteratura
@profwagnersantos

Versão	Data	Modificações
1	07/06/2021	Primeira versão do texto.

